

OXIGÊNIO

AGOSTO 2025



NÚMERO 72



GILBERTO CHATEAUBRIAND:
UMA COLEÇÃO SENSORIAL

EDITORIAL

SOB OS OLHOS DE UM COLECIONADOR APAIXONADO

As comemorações do centenário de Gilberto Chateaubriand (1925-2022), o maior colecionador de arte moderna e contemporânea do Brasil, terão início no dia 9 de agosto com exposição de grande escala de seu acervo no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio.

Dividida em cinco núcleos, *Gilberto Chateaubriand: uma coleção sensorial* reúne aproximadamente 350 obras de um dos mais representativos conjuntos da produção artística nacional, cobrindo um século da história da arte no Brasil. Das 8.300 obras fundamentais da arte moderna e contemporânea do país que compõem a Coleção Gilberto Chateaubriand, 6.400 estão sob a guarda do MAM Rio.

Foi em 1953 que Gilberto Chateaubriand deu início a sua coleção. Em viagem a Salvador, visitou o ateliê de Pancetti e adquiriu a tela *Paisagem de Itapuã*. Com a aquisição da obra, nasceu o desejo de colecionar – e diferentemente de colecionadores que delegam a aquisição de obras a terceiros, ele próprio formou seu acervo ao longo de várias décadas. Com um olhar pessoal e apaixonado pela arte brasileira, visitava ateliês, conhecia artistas e fazia amigos.

Esse olhar emocionado e pessoal permeia a exposição, que propõe uma cartografia afetiva e histórica da arte brasileira, afirmam os curadores Pablo Lafuente e Raquel Barreto. “*A seleção reflete o espírito de Gilberto: atento, curioso, sensível, apaixonado*”. A coleção Gilberto Chateaubriand é um panorama completo da produção artística brasileira do século XX ao início do XXI.

Boa leitura!

Capa: Fotografia de Janaina Tschäpe, série *The Sea And The Mountain (detalhe)*

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

TEATRO: *Dois Papas* no palco do Cultura Artística, SP | *Gota D'Água* no Rio de Janeiro | *Aladim e a Lâmpada Mágica – O Musical* faz nova temporada em São Paulo | *Tons de Comédia* | *Uterina*, espetáculo interlinguagens de Flavia Couto, reflete sobre o luto e a descriminalização do aborto no Brasil | *As Três Velhas*

12

MATÉRIA DE CAPA: *Gilberto Chateaubriand – Uma Coleção Sensorial*

18

Ocupação Esquenta COP no Museu do Amanhã, RJ

24

Marco Tulio Resende – “*Pequenas histórias sobre os dias e as noites do mundo*”

27

Corpo Manifesto, de Sérgio Adriano H, e *Frestas*, de Renata Tassinari, no CCBB Rio de Janeiro

33

Telma Saraiva e a fascinação do mundo no Museu de Arte do Rio

36

Vistas de dentro, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

39

Daniel Senise – Vivo confortavelmente no museu

44

A rotina das paredes

47

Filha Natural, de Aline Motta, no Sesc Copacabana, RJ

50

II Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque celebra cruzamentos entre gesto artístico, palavra e ancestralidade

53

Do Rio a Nice: Encontro de Litorais

56

DIRETO DE LONDRES: Jenny Saville – *Anatomy of Painting*, na National Portrait Gallery

61

OXIGENE: Quatro novas mostras no Centro Cultural Correios, RJ | *Um emaranhado de ruínas ao revés* | Rizza e Ian Salamente na Zipper Galeria, SP | *Quebra-Mapa: Dimensões do Recomeço*, na Oá Galeria, ES | *Bioglomerata e Fôlego* na 3ª temporada do Balé da Cidade de São Paulo | Cinema Urbana – Mostra Internacional de Cinema de Arquitetura – 2025 | *Teatro a Varejo* no Centro Cultural Carioca, RJ | *Entre o Aiyê e o Orun*, mostra coletiva na Caixa Cultural Rio



Foto: Ale Catan

DOIS PAPAS no palco do Cultura Artística, SP

Com direção original de Munir Kanaan, o espetáculo traz à cena o embate entre o teólogo conservador Papa Bento XVI, interpretado por Zé Carlos Machado, e o cardeal argentino Jorge Bergoglio – de visão progressista e futuro Papa Francisco – papel de Celso Frateschi

Após o sucesso na temporada de estreia no Sesc Guarulhos e no Sesc Santo Amaro, *Dois Papas* volta aos palcos a partir de 22 de agosto, desta vez no Cultura Artística. A peça simboliza a retomada do teatro na sala principal do espaço, local que marcou história na cultura brasileira ao longo dos seus 112 anos de existência.

Essa é a primeira montagem internacional da dramaturgia de Anthony McCarten, com direção original de Munir Kanaan. Celso Frateschi e Zé Carlos Machado interpretam respectivamente o cardeal Jorge Bergoglio e o Papa Bento XVI, em uma trama de confronto de ideias de dois homens com visões de mundo diferentes. O elenco também conta com

Carol Godoy e Eliana Guttman. A produção é da Gengibre Multimídia e Zug Produções.

Com toques de humor, a história traz, de um lado, um refinado teólogo representante da tradição e dos velhos costumes da Igreja; do outro, um religioso carismático e com fama de rebelde disposto a construir pontes com as mudanças do mundo moderno. Nesse encontro fascinante, visões de mundo se confrontam, segredos são revelados e uma nova amizade se estabelece.

“A possibilidade do diálogo é o que move essa história – são duas visões de mundo completamente diferentes. Bento XVI é mais conservador, mas é ele quem chama Bergoglio para conversar. E Bergoglio, apesar de ser um homem mais aberto, chega hesitante para ter esse papo reto. São as complexidades desse encontro que conduzem o diálogo sobre a necessidade de mudanças”, enfatiza o diretor Munir Kanaan.

Ambos os papas são cercados por personagens femininas – elas fazem parte de suas escolhas na tomada de decisões. Carol Godoy vive a Irmã Sophia, uma jovem freira argentina que teve sua trajetória transformada pelos ensinamentos do cardeal Jorge Bergoglio. Já a Irmã Brigitta é uma editora de livros religiosos, intelectual e amiga mais próxima de Bento XVI, que conhece suas angústias diante das pressões do cargo.

A peça teve sua estreia mundial em junho de 2019, no Royal & Derngate Theatre, na Inglaterra, a partir do livro homônimo; e também ganhou versão cinematográfica adaptada pelo próprio autor, produzida pela Netflix, com direção do brasileiro Fernando Meirelles. O filme recebeu 3 indicações ao Oscar, 4 indicações ao Globo de Ouro e 5 indicações ao BAFTA, incluindo nas 3 premiações Anthony McCarten na categoria de melhor roteiro.

SERVIÇO

Dois Papas

De 22 de agosto a 13 de setembro

Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196, Consolação, São Paulo / SP

Dias/Horários: sexta e sábado, às 20h; domingo, às 18h

Preços: De R\$ 100 a 180 (inteira) e de R\$50 a R\$ 90 (Meia)

Link de Compras:

<https://doispapas.byinti.com/#/event/dois-papas>

Duração: 135 minutos (com intervalo de 15 minutos)

Classificação: Livre | Indicação: 14 anos





Foto: Larissa Lacerda

GOTA D'ÁGUA NO RIO DE JANEIRO

Clássico de Chico Buarque e Paulo Pontes ganha adaptação da Cia. Baiana de Teatro Brasileiro. Musical fica em cartaz até o dia 17 no SESC Copacabana

Ambientada no subúrbio de Salvador, a montagem propõe uma potente leitura da clássica tragédia de Joana, mulher abandonada por Jasão, que a troca por uma jovem rica. O drama, originalmente situado em uma favela carioca, é transposto para um conjunto habitacional soteropolitano, evocando o universo dos marisqueiros do Porto das Sardinhas, no bairro de Plataforma. Areia, lama, baldes e redes de pesca compõem o cenário simbólico e visceral, onde dois atores se revezam nos diversos papéis da trama.

A encenação, marcada por uma estética crua e poética, utiliza músicas como "*Gota d'Água*" e "*Basta um Dia*", de Chico Buarque, para aprofundar reflexões sobre desigualdade social, relações afetivas, violência estrutural e o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Neste contexto, a figura de Joana, interpretada por Evana Jeyssan, é ressignificada: uma mulher negra traída por um homem branco, confrontando as complexidades do racismo, do abandono e da resistência.

RECONHECIMENTO NACIONAL

Com direção de Vinícius Lírio, a montagem da Cia. Baiana de Teatro foi indicada a mais de 15 prêmios nacionais. Rendeu a Evana Jeyssan os troféus de Melhor Atriz no 28º Prêmio Braskem de Teatro e no 21º Prêmio Cenym de Teatro Nacional. A peça também teve versão audiovisual exibida em festivais como o FILTE 2021 e o Teatro de Cabo a Rabo, além de ser indicada em categorias como Melhor Direção, Melhor Texto Adaptado, Melhor Espetáculo e Melhor Produção Artística e Técnica.

SERVIÇO

Gota D'Água – Cia Baiana de Teatro Brasileiro

Até 17 de agosto

Arena do SESC Copacabana

Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 30 (inteira), R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associados SESC)

Todas as sessões com acessibilidade em Libras



“Aladim e a Lâmpada Mágica – O Musical” faz nova temporada em São Paulo

*O espetáculo fica em cartaz até 31 de agosto
no Teatro das Artes no Shopping Eldorado*

Em um canto longínquo da Arábia, encontra-se Agrabah, um reino místico e misterioso. Em meio a inúmeras lendas, a mais grandiosa será vivida nas areias deste lugar. Poderia um ladrãozinho ser na verdade um diamante bruto? E uma simples lâmpada velha poderia ser o lar de um poderoso gênio? E uma jovem princesa, será que poderia se aventurar pelo mundo em um tapete voador? Esfregue a lâmpada e embarque nessa noite na Arábia com muita música e magia.

Com coreografias de Leonardo Aroní, o espetáculo tem direção musical de Di Angelo. Texto e versões são de

Ella Dalcin, cenografia e figurinos, de Rodrigo Gomes. A produção é de Dos Clássicos Produções.

SERVIÇO

“Aladim e a Lâmpada Mágica – O Musical”

Até 31 de agosto

Teatro das Artes – Shopping Eldorado

Av. Rebouças, 3970, Lj. 409, São Paulo / SP

Ingressos: entre R\$ 100,00 e R\$ 40,00

Vendas online: <https://www.eventim.com.br/event/aladim-e-a-lampada-magica-o-musical-teatro-das-artes-20366163/>

Duração: 1 hora e 15 minutos

Classificação indicativa: Livre

TONS DE COMÉDIA

Três comediantes, três países, três estilos de humor no palco do Teatro Opus Città, RJ

Os humoristas sobem ao palco para mostrar que, apesar das diferenças culturais, a comédia é universal. O show “Tons de Comédia” já percorreu palcos internacionais e, no dia 8 de agosto, chega ao Teatro Opus Città, no Rio de Janeiro, a partir das 21h. Os ingressos estão disponíveis pela plataforma Uhuu.com e pontos autorizados.

De Portugal, Angola e Brasil, chegam histórias inesperadas, momentos hilariantes e perspectivas que vão fazer o público rir sem parar. “Tons de Comédia” é mais do que um espetáculo de stand-up: é uma celebração das nuances e cores da vida através do humor.

A turnê já passou por cidades da França, Portugal, Irlanda, Angola e Moçambique, além de ter datas confirmadas

nas principais capitais brasileiras. Populares e reconhecidos como gigantes do humor em seus países, Hugo Souza (Portugal), Gilmário Vemba (Angola) e Murilo Couto (Brasil), unem seus estilos distintos e únicos para garantir um espetáculo dinâmico e surpreendente.

SERVIÇO

Tons de Comédia

Teatro Opus Città

Avenida das Américas, 700, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

<https://teatroopuscitta.com/>

Dia/Horário: 8 de agosto, às 21h

Ingressos: a partir de R\$ 40,00

Vendas: <https://uhuu.com/evento/rj/rio-de-janeiro/morgan-jay-14583>

Bilheteria do Teatro Opus Città – Sem incidência de Taxa de Serviço

Via Music Hall – Sem incidência de Taxa de Serviço

Classificação: 16 anos

Uterina, espetáculo interlinguagens de Flavia Couto, reflete sobre o luto e a descriminalização do aborto no Brasil



Foto: David Bellavance Ricard

Peça parte da experiência da artista com a interrupção de uma gravidez em estágio avançado, após diagnóstico de incompatibilidade com a vida do feto.

Sensorial, Uterina faz interação com o cinema, dança e artes plásticas; o cenário tem projeções sinestésicas e atmosfera que remete a um útero

Em 2021, Flavia Couto enfrentou uma situação difícil: no quinto mês de uma gravidez muito desejada, descobriu que sua filha tinha a síndrome de Patau, trissomia incompatível com a vida extrauterina fetal. A partir do diagnóstico, a artista decidiu interromper a gestação e teve que obter uma autorização judicial para “validar” sua decisão. A experiência foi o ponto de partida para *Uterina*, espetáculo que será apresentado em agosto e setembro em São Paulo – no Complexo Cultural Funarte e no Teatro Arthur Azevedo.

Uterina é uma peça teatral interlinguagens, na interação com o cinema, dança e artes plásticas. “Quando o projeto surgiu, ele tinha o peso do luto e da revolta com as leis brasileiras que não deixam as mulheres tomarem decisões a respeito dos seus corpos – desabafa Flávia Couto, ao revelar que a alegria também faz parte da obra: “No meio do processo, engravidei da minha segunda filha e esse sentimento feliz também está contido na peça”, conta a atriz.

O trabalho – que nasceu em uma residência artística no LANTISS (Laboratório de Novas Tecnologias da Imagem, do Som e da Cena), em Québec, Canadá, com a supervisão da atriz e diretora francesa Carole Nadeau – é um mergulho nas experiências do corpo vivido e suas memórias. É um espetáculo sensorial.

O cenário de *Uterina* é constituído principalmente por projeções sinestésicas contidas nos vídeos de Carole Nadeau, Flavia Couto e Gabriela Bernd. O dispositivo cênico evoca um útero em sua atmosfera acolhedora, e parte do público, inclusive, acompanha a peça totalmente imerso nesse ambiente. Outro elemento importante é uma ampulheta do tempo no formato de saco gestacional que escorre seus grãos indicando a efemeridade da vida. A cenografia é de Flavia Couto e Pedro Guilherme.

SERVIÇO

Uterina

Classificação: 14 anos

Duração: 60 minutos

Complexo Cultural Funarte

De 8 a 31 de agosto

Alameda Nothmann, 1058, Campos Elíseos, São Paulo / SP

Ingresso: cota gratuita para pessoas de baixa renda, meia entrada R\$ 20 e inteira R\$ 40 – Reservas Sympla

Teatro Arthur Azevedo – Sala Multiuso

De 11 a 21 de setembro

Av. Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP

Ingresso: gratuito – retirada 1h antes do espetáculo

Acessibilidade: espaço possui acessibilidade para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida



Foto: David Bellavance Ricard



Foto: Cuca Nakasone

AS TRÊS VELHAS

Novo espetáculo gratuito do grupo Teatro Kaus explora a linguagem do absurdo em obra que mistura humor, drama e tragédia.

Peça será exibida em três teatros da capital paulista, a partir do dia 14 de agosto

Escrito em 2003 pelo dramaturgo franco-chileno Alejandro Jodorowsky, dramaturgo, ator, poeta, cineasta e quadrinista, o trabalho reflete uma sociedade hipócrita, cruel e que vive de aparências. Nesta montagem, três velhas – duas marquesas decadentes e uma criada centenária – habitam ruínas físicas e psíquicas, entre o real e o grotesco, revelando beleza no apodrecimento do corpo, da casa e do mundo.

Em uma noite incomum, devastadas pela fome e pelo abandono, as três mulheres desenterram segredos cho-

cantes que conduzem a trama por caminhos inesperados. Ao longo da narrativa, temas como hipocrisia social, etarismo, patriarcado e violência vão se fazendo presentes.

Desde 1998, o Teatro Kaus pesquisa o surreal e o absurdo, sempre em textos de língua hispânica. “Gostamos de retratar personagens sedentos pela vida e em franco diálogo com o desespero, o abismo e a morte. Há mais de 15 anos queríamos montar algo do Jodorowsky”, comenta Reginaldo Nascimento, diretor e um dos fundadores do grupo.

O espetáculo “As Três Velhas” é definido pelo dramaturgo como um “melodrama grotesco”. “As duas irmãs foram violentadas pelo pai, enfrentam uma série de agressões e vivem na penúria. Mesmo assim, orgulham-se dos seus títulos, mantêm um lindo vestido de baile e sonham com um príncipe encantado”, acrescenta.

Os últimos trabalhos do grupo exploraram um lado mais filosófico do ser humano; em “As Três Velhas”, a Cia do Teatro Kaus investe em outra estética. “Há muito tempo queríamos falar do feminino e da velhice, dois assuntos que nos interessam muito, ainda mais explorando o grotesco”, conta Amália Pereira, também fundadora do grupo, que está em cena ao lado de Tânia Granussi e Vera Monteiro.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Esta montagem parte da ideia de que tudo apodrece, o corpo, a casa, o mundo – e é nesse apodrecimento que nascem outras formas de beleza e potência. Inspirados pela estética do grotesco, do decadente e do melodrama, as três velhas transitam num espaço entre ruínas físicas e psíquicas. A atuação se apoia na estilização dos gestos, na construção de máscaras corporais e vozes deformadas, compondo personagens entre o real, o sublime e o grotesco.

A tradução desta versão do texto é do dramaturgo Aimar Labaki.

SERVIÇO

As Três Velhas

Duração: 70 minutos | Classificação: 16 anos

Ingressos: gratuitos – retirar na bilheteria com 1 hora de antecedência

Acessibilidade: todos os espaços possuem acessibilidade para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

Teatro Arthur Azevedo

De 14 a 24 de agosto, de quinta a sábado, às 21h, e, aos domingos, às 19h

Av. Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2604-5558

OBS: dias 15 e 22 de agosto haverá interpretação em libras

Teatro Cacilda Becker

De 4 a 14 de setembro, de quinta a sábado, às 21h, e, aos domingos, às 19h

R. Tito, 295, Lapa, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3864-4513

OBS: dias 5 e 12 de setembro haverá interpretação em libras

Teatro Alfredo Mesquita

De 25 setembro a 5 de outubro, de quinta a sábado, às 20h, e, aos domingos, às 19h

Av. Santos Dumont, 1770, Santana, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2221-3657

OBS: dias 26 de setembro e 3 de outubro haverá interpretação em libras



Foto: Cuca Nakasone

GILBERTO CHATEAUBRIAND: UMA COLEÇÃO SENSORIAL

Frans Krajcberg, *Floração*, 1968

Foto: Divulgação



MAM Rio celebra centenário de Gilberto Chateaubriand com grande mostra sobre sua coleção, uma das mais importantes e representativas da arte brasileira do século 20 e início do 21

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) inaugura no dia 9 de agosto a exposição *Gilberto Chateaubriand: uma coleção sensorial*, que abre as comemorações pelo centenário de nascimento de um dos maiores colecionadores da história da arte brasileira.

De grande escala, a mostra reúne aproximadamente 350 obras de um dos mais representativos conjuntos da produção artística nacional. Desde 1993, cerca de 6.400 das 8.300 peças que compõem a Coleção Gilberto Chateaubriand estão sob a guarda do MAM Rio, consolidando uma parceria fundamental para a preservação e difusão da arte brasileira.

Com curadoria de Pablo Lafuente e Raquel Barreto, o percurso expositivo propõe ao público uma imersão nas camadas de significado, afeto e história que atravessam a coleção, ao longo de mais de cinco décadas cuidadosamente constituída por Gilberto Francisco Renato Allard Chateaubriand Bandeira de Mello (1925-2022), diplomata e presença marcante nas artes visuais do país.

"Gilberto Chateaubriand se dedicou com intensidade à formação de uma das coleções particulares mais significativas que temos no Brasil. A coleção é única em sua habilidade de unir tradição e experimentação, incluindo desde os modernistas icônicos a jovens artistas de diversas regiões do país e suas propostas experimentais", observa Raquel Barreto, curadora-chefe do MAM Rio.



Djanira, *Auto-retrato*

Foto: Jaime Acioli

Segundo o próprio Gilberto, o colecionismo surgiu por acaso, em 1953, durante uma viagem a Salvador, quando foi apresentado ao pintor José Pancetti (1902-1958) pelo colecionador Odorico Tavares. Ao visitar o ateliê, adquiriu não só a tela *Paisagem de Itapuã*, mas a paixão por colecionar.



Efrain Almeida, *Mãos na cabeça*, 2007

Foto: Divulgação

Anna Bella Geiger, *Orbis descriptio n° 4*, série *Fronteiriços*, 1995

Foto: Rômulo Fialdini e Valentino Fialdini



“Mais do que uma reunião de obras, a Coleção Gilberto Chateaubriand é o testemunho de um olhar comprometido com a arte e com os artistas brasileiros. É um patrimônio vivo, em constante diálogo com o tempo, cuja preservação e difusão cabem ao MAM Rio, por meio de suas exposições e ações educativas. Ao longo das últimas décadas, o museu realizou mais de 50 exposições dedicadas à coleção, reafirmando sua importância como referência para o pensamento e a história da arte no Brasil”, afirma Yole Mendonça, diretora-executiva da instituição.

Pablo Lafuente, diretor artístico do museu, ressalta que *“a coleção oferece um panorama complexo da história da arte brasileira do século 20, ao mesmo tempo que revela as relações fascinantes que Gilberto tinha com obras e com artistas”.*

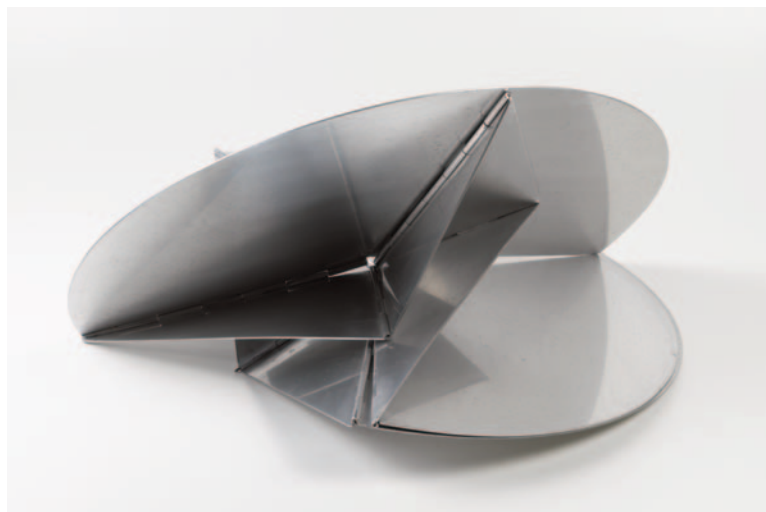
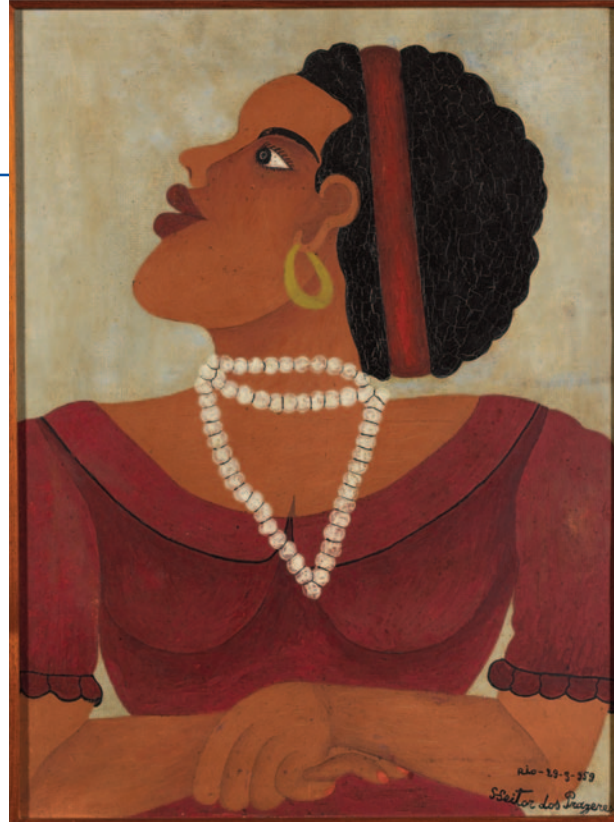
UM OLHAR SENSORIAL PARA A ARTE BRASILEIRA

Entre pinturas, fotografias, objetos e esculturas, a mostra reúne obras fundamentais do modernismo e das vanguardas experimentais até artistas contemporâneos das mais diversas vertentes e regiões do Brasil. A seleção reflete o espírito colecionador de Gilberto: atento, curioso, sensível, apaixonado. *“Eu sou um sensorial. Um dionisíaco, digamos. A obra de arte é tão impressionante que motiva uma excitação mental e corporal também”,* afirmou ele em conversa gravada com Carlos Alberto Chateaubriand e o curador Luiz Camillo Osorio, em 2014. Esse olhar emocionado e pessoal permeia a exposição, que propõe uma cartografia afetiva e histórica da arte brasileira.

A curadoria estruturou cinco núcleos que orientam o percurso de visitação: “*Origens*” remonta à primeira grande mostra da Coleção GC no MAM Rio, realizada em 1981; “*Fronteiras*” acompanha o interesse do colecionador por artistas trabalhando em contextos além do eixo Rio-São Paulo; “*Retratos*”, gênero de especial interesse para Gilberto, reúne autorretratos, retratos de artistas e do próprio colecionador; “*Artistas*” aproxima o público do processo criativo, com estudos, projetos e esboços de nomes representativos da coleção; o quinto núcleo reflete a pluralidade da arte brasileira e apresenta um grande conjunto de trabalhos na parede do Salão Monumental, incluindo algumas das obras mais emblemáticas do acervo.

UM SÉCULO DE ARTE NO BRASIL

Com obras de Adriana Varejão, Alair Gomes, Anita Malfatti, Anna Bella Geiger, Antonio Bandeira, Artur Barrio, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Carlos Vergara, Cícero Dias, Cildo Meireles, Djanira, Edival Ramosa, Gervane de Paula, Glauco Rodrigues, Iberê Camargo, Ione Saldanha, Ivan Serpa, José Pancetti, Lasar Segall, Luiz Zerbini, Lygia Clark, Maria Martins, Rubens Gerchman, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake e Vicente do Rego Monteiro, entre muitos outros, a exposição cobre cerca de 100 anos de arte no Brasil e permite ao visitante percorrer, de forma não linear, uma ampla e plural história da cultura visual do país.



De cima para baixo:
Heitor dos Prazeres, *Mulata*, 1959 – Foto: Divulgação;
Nelson Leirner, *Fraque, série Roupas*, 1973 – Foto: Divulgação;
Lygia Clark, *Bicho*, 1960 – Foto: Rômulo Fialdini e Valentino Fialdini



Candido Portinari, *Paisagem de Brodowski*, 1940

Foto: Vicente de Mello

A mostra também evidencia a relação direta entre colecionador e artistas – uma das características da atuação de Gilberto Chateaubriand. Ele sempre visitou ateliês e acompanhou os processos de criação, estabelecendo diálogos duradouros com artistas de diferentes gerações.

A exposição *Gilberto Chateaubriand: uma coleção sensorial* é organizada em colaboração com o Instituto Cultural Gilberto Chateaubriand e tem patrocínio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, da Petrobras, da Light, do Instituto Cultural Vale e da Vivo através da Lei Federal de Incentivo à Cultura e da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro.

MAM RIO

Fundado em 1948 com a premissa de ser um museu-escola, é referência como plataforma de criação e formação para artistas e públicos, alcançando diferentes gerações e territórios. O museu é responsável por um extenso acervo de arte moderna e contemporânea, com focos na arte brasileira e em fotografia. Atualmente, abriga três coleções de artes visuais, com um total de cerca de 16 mil obras.

O prédio do MAM Rio no Parque do Flamengo, desenhado por Affonso Eduardo Reidy e com jardins projetados por Roberto Burle Marx, virou referência para a ar-

quietude mundial. O museu e seu entorno oferecem um espaço de convivialidade e experimentação que impulsiona processos de troca, circulação, vivências e cultura.

SERVIÇO

“Gilberto Chateaubriand: uma coleção sensorial”

Abertura pública: 9 de agosto

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo,
Rio de Janeiro / RJ | Tel.: (21) 3883-5600

Dias/Horários: quartas, quintas, sextas, sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h; aos domingos, das 10h às 11h, visitação exclusiva para pessoas com deficiência intelectual

Entrada gratuita para todos os públicos

Ingressos: <https://www.mam.rio/ingressos>

<https://www.mam.rio/>



Tarsila do Amaral, *Urutu*, 1928

Foto: Divulgação



Alberto da Veiga Guignard, *O Parque Municipal*, 1947

Foto: Rômulo Fialdini e Valentino Fialdini



Lucia Laguna, *Estúdio 4*, 2006

Foto: Divulgação



Ismael Nery,
Auto-Retrato,
1930

Foto:
Vicente de Mello

OCUPAÇÃO ESQUENTA COP NO MUSEU DO AMANHÃ, RJ

Instituição carioca promove três exposições para ampliar o diálogo que acontecerá em Belém – quando o Brasil sediará a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas. Inédita de Claudia Andujar soma-se às mostras de 14 mulheres do Instituto Artistas Latina e dos premiados fotógrafos Lalo de Almeida e Luciano Candisani, que serão exibidas até o dia 4 de novembro, uma semana antes da realização do evento

“CLAUDIA ANDUJAR E SEU UNIVERSO:
SUSTENTABILIDADE, CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE”

Yanomami, da série A Casa, 1974

Cortesia Galeria Vermelho



Em *"Claudia Andujar e seu Universo: Ciência, Sustentabilidade e Espiritualidade"*, que tem a Bloomberg como apoiadora, uma expansão do olhar poético da artista de 94 anos para natureza, além de um reconhecimento em vida de sua importância singular para os povos Yanomami.

Com curadoria de Paulo Herkenhoff, a mostra apresenta vídeos, desenhos e instalações que revelam múltiplas perspectivas sobre memória, cultura e os desafios enfrentados por comunidades indígenas e tradicionais. As 130 fotografias de Andujar dialogam com trabalhos de outros grandes artistas de várias gerações, entre os quais, Cildo Meireles, Denilson Baniwa, Walter Firmo, Sebastião Salgado, Maureen Bisilliat, Xadalu e Seba Calfuqueo.

Claudia Andujar transformou sua arte em um ato de resistência e cuidado. Sua obra não apenas documenta, mas atua como uma espécie de linha que costura o natural, o científico e o sagrado. A exposição cria pontes também entre seu trabalho e o de outros grandes artistas que estão apontando para lugares semelhantes.

"Claudia Andujar colocou sua câmera a serviço da natureza. Sua trajetória também aponta para outra dimensão da sustentabilidade: a de uma arte que se refaz, se ressignifica e permanece em trânsito. Sua fotografia nunca se fecha como documento fixo; é reaberta ao presente como linguagem viva", afirma Paulo Herkenhoff, curador da mostra.

A jovem Susi Korihana theri em um igarape – Catrimani, Roraima – da série A floresta

Cortesia Galeria Vermelho



“TROMBA D’ÁGUA”

Mostra traz uma seleção de trabalhos de 14 artistas mulheres latino-americanas, com curadoria de Ana Carla Soler, Carolina Rodrigues e Francela Carrera. Remetendo ao fenômeno da natureza, pinturas, esculturas, fotografias e videoarte refletem sobre histórias, memórias e saberes transmitidos por mulheres que enfrentam e rompem barreiras



Marcela Cantuária, *O Sonho da América Latina*

Foto: Oriol Tarridas, Courtesia Pérez Art Museum Miami

Dedicado à pesquisa, acervo e educação em artes visuais com foco em produções femininas latino-americanas, o Instituto Artistas Latinas apresenta uma seleção de 27 obras. São trabalhos de 14 artistas mulheres de diferentes origens, etnias, orientações sexuais

e idades, do Brasil, Argentina e Guatemala, que atuam em linguagens diversas.

A mostra no Museu do Amanhã reúne trabalhos de Alice Yura, Azizi Cypriano, Guilhermina Augusti, Jeane



Rafaela Kennedy, *Caminhos Abertos*, 2023
Foto: Divulgação

Terra, Luna Bastos, Marcela Cantuária, Mariana Rocha, Rafaela Kennedy, Roberta Holiday, Rosana Paulino, Suzana Queiroga e Thais Iroko, Marilyn Boror Bor (Guatemala) e Natália Forcada (Argentina).

Pinturas, esculturas, fotografias e videoarte remetem a histórias, memórias e saberes transmitidos por mulheres que enfrentam e rompem as barreiras que tentaram limitar suas existências. O maior trabalho da exposição é *“O sonho da América Latina”*, de Marcela Cantuária, uma pintura de 5m x 3m.

Tromba d’água é uma coluna de ar giratória de alta potência que surge repentinamente sobre mares, rios ou oceanos. Aludindo a esse tipo de tornado comum nas regiões tropicais, a exposição é uma reflexão sobre

fenômenos da natureza que rebentam espontânea e violentamente.

A partir de temas como espiritualidade, ancestralidade e a relação do feminino com a natureza, a mostra remete à força da coletividade como catalisadora de mudanças, inspirando o respeito das relações do ser humano com o meio ambiente.

“Na exposição, as características das águas criam espaço para trilharmos outros percursos na construção de uma sociedade pautada em relações sensíveis entre a humanidade e a natureza”, destacam Ana Carla Soler, Carolina Rodrigues e Francela Carrera, que assinam o texto curatorial coletivamente.

A mostra contempla também ações educativas, ministradas por profissionais convidadas pelo Instituto Artistas Latinas, promovendo a interação com a comunidade. *“Colaborando para uma visão mais horizontal do sistema de arte, Tromba D’Água também cumpre um papel de intercâmbio cultural, visto que são apresentadas obras de artistas de outros países e de diferentes*



regiões do Brasil”, conta Paulo Farias, presidente do Instituto, que tem sede no Rio de Janeiro.

Rosana Paulino,
Série *Nascituras*
Foto: EstudioEmObra

Luciano
Candisani

“ÁGUA PANTANAL FOGO”

Na Galeria do Tempo, a exposição *“Água Pantanal Fogo”*, fruto da recente parceria entre o Museu do Amanhã e o Instituto Tomie Ohtake, traz uma reflexão sobre esse bioma tão único e tão brasileiro que vem sofrendo as trágicas consequências da intervenção hu-

mana. Sob a curadoria de Eder Chiodetto, os fotógrafos Lalo de Almeida – vencedor do World Press Photo – e Luciano Candisani trabalham como “cronistas visuais” entre o esplendor da vida natural em simbiose com a água e a devastação do fogo.

Lalo de
Almeida

A ARTE E O MUSEU DO AMANHÃ

A *Ocupação Esquenta COP* marca a inauguração de 1.200 m² de área expositiva da instituição – espaço destinado a mostras temporárias. A iniciativa faz parte da comemoração dos dez anos do museu, celebrados em dezembro próximo.

"A arte sempre esteve presente no Museu do Amanhã como linguagem essencial para provocar imaginação, emoção e pensamento crítico. Com a Ocupação Esquenta COP, queremos afirmar a arte como um verdadeiro manifesto pelo futuro: uma forma de engajar, sensibilizar e inspirar ações concretas diante das urgên-

cias do nosso tempo", afirma Fabio Scarano, curador do Museu do Amanhã.

SERVIÇO

Ocupação Esquenta COP

"Claudia Andujar e seu Universo: Ciência, Sustentabilidade e Espiritualidade",

"Tromba D'Água"

"Água Pantanal Fogo" – Lalo de Almeida e Luciano Candisani

Até 4 de novembro

Museu do Amanhã

Praça Mauá, 1, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de quinta a terça-feira, das 10h às 18h

Entrada gratuita (somente da mostra)

Foto: Reprodução / Site Museu do Amanhã





Sem título, Série Ecce Homo, 2018

Foto: Divulgação

MARCO TULIO RESENDE

“Pequenas histórias sobre os dias e as noites do mundo”

Mostra na Cassia Bomeny Galeria, em Ipanema, Rio de Janeiro, celebra os 50 anos de carreira do artista e propõe uma imersão sensível e crítica nas camadas do tempo, da memória e da matéria. Marcos Lontra assina a curadoria

Com trajetória consolidada no cenário da arte contemporânea brasileira há cinco décadas, o mineiro Marco Tulio Resende promove uma subversão das geografias e narrativas do mundo. Sua obra atua nas frestas do tempo e do espaço, através de imagens que desafiam as lógicas lineares e traduzem os conflitos e encantamentos do presente.

“Meu trabalho é o resultado de tudo que vejo e sou: meu passado, meu cotidiano, minha vida. O fundamento básico é a memória. Na trama dos fatos e dos encontros vou somando meu modo de ser, vou erigindo a construção e com ela invento: não sou ortodoxo nem radical; sou permeável, disposto a procurar – com o que encontro, teço minhas razões, descubro as afinidades”, diz o artista.

A exposição apresenta trabalhos de duas séries distintas – *Ecce Homo* e *Etcetera* – que transitam entre a abstração e a figuração, evocando influências como

Sem título, Série Ecce Homo, 2010-2011

Foto: Divulgação



Amilcar de Castro, Antoni Tàpies, Torres García e a força expressiva das máscaras africanas. Com paleta cromática deliberadamente contida e materialidade intensa, Marco Tulio elabora uma poética que atravessa continentes, tempos e linguagens.

Etcetera reúne pinturas que nascem de um processo contínuo de desenho e reinterpretação da memória, articulando esquecimentos, reencontros e afetos. As obras funcionam como fragmentos visuais de um alfabeto íntimo, em que gestos gráficos acumulados ao longo do tempo se transformam em narrativas sensoriais. A partir de anotações e registros visuais do artista, a série propõe uma leitura expandida da memória, tratada não como arquivo fixo, mas como matéria viva e criativa capaz de gerar novas camadas de sentido.

A série *Ecce Homo* reúne dez pinturas inéditas de pequeno formato, recentemente produzidas com pigmentos terrosos, ao lado de duas grandes telas de

Sem título, Série Etcetera, 2008

Foto: Divulgação



2008. Também fazem parte do conjunto as esculturas em cerâmica da série *Cabeças* (2013), que evocam à história do Bairro das Cabeças – antiga entrada de Ouro Preto no século XVIII –, onde se expunham cabeças de condenados como forma de intimidação pública.

As obras em cerâmica foram criadas a partir de terras de diversos municípios mineiros, transformadas em argila e submetidas a um processo ritualístico e coletivo de queima. Em um forno Noborigama tradicional japonês, as peças atingem até 1.280°C por 72 horas. A técnica aplicada, “Bizen”, dispensa o uso de esmalte e utiliza a reação da cinza da lenha para gerar texturas e padrões únicos.

Para o curador Marcus Lontra, a obra do artista “*é guardiã da memória nostálgica e romântica, mas sempre comprometida com o mundo em que vivemos, seus dramas e alegrias*”. Ao lado de Manfredo Souzanetto e Marcos Coelho Benjamin, seus companheiros geracionais, Marco Tulio integra a chamada “tríade mineira” – artistas que transformaram os paradigmas da paisagem no Brasil, a partir de um comprometimento com a materialidade pictórica e com a força do gesto gráfico.

“*Sonhos não envelhecem*”, diz um verso da canção *Clube da esquina 2*, do mineiríssimo Milton Nascimento. E a exposição “*Pequenas histórias sobre os dias e as noites do mundo*” de Marco Tulio Resende promove uma travessia poética entre saberes e formas, em que memória e imaginação, matéria e sonho se entrelaçam.

SOBRE O ARTISTA

Marco Tulio Resende é artista plástico natural de Belo



Sem título,
Série
Ecce Homo,
2010

Foto: Divulgação

Horizonte, Minas Gerais. Estudou Artes Plásticas na Escola Guignard/UEMG e foi bolsista da Fulbright Comission, no programa de intercâmbio educacional e cultural do governo dos Estados Unidos, tornando-se mestre pela School of the Art Institute of Chicago em 1978. No ano seguinte, retornou como professor para a Escola Guignard, onde lecionou por 40 anos, desenvolvendo pesquisas acadêmicas e práticas artísticas.

Atuou como professor artista visitante nas Universidades Federais de Minas Gerais, de Ouro Preto, do Espírito Santo e na Sheffield Hallam University, na Inglaterra, a convite do British Council. Desde 1975 participa de exposições, salões, mostras, residências artísticas, seminários e bienais. Possui editados livros, catálogos e artigos críticos especializados. Suas obras integram acervos museológicos, espaços públicos, galerias de arte e coleções privadas.

SERVIÇO

Pequenas histórias sobre os dias e as noites do mundo – Marco Tulio Resende

Abertura: 6 de agosto, quarta, 18h

Temporada: de 7 de agosto a 20 de setembro

Cassia Bomeny Galeria

Rua Garcia D’Ávila, 196, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h;

sábados, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://cassiabomeny.com.br/>

CORpo MANIFESTO, de Sérgio Adriano H, e FRESTAS, de Renata Tassinari, no CCBB Rio de Janeiro

As narrativas históricas da identidade negra no Brasil expressas nos trabalhos da mostra de Sérgio Adriano H, e explosão da cor e da forma na mais recente produção de Renata Tassinari ocupam os espaços expositivos da instituição no centro do Rio de Janeiro

CORpo MANIFESTO, DE SÉRGIO ADRIANO H



A mostra celebra os 25 anos de carreira do artista e marca sua maior exposição individual, com 113 obras, sendo 33 inéditas, selecionadas pela dupla de curadores, Juliana Crispe e Claudinei Roberto. Os trabalhos compõem um panorama de toda a produção de Sergio Adriano, em diversas linguagens artísticas, como fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo. Entre os destaques, *“Ordem e Progresso – Direito das Obrigações”* (da série *Palavras Tomadas*), *“O lugar que pertence”* e *“História do Brasil”*.



Série *História do Brasil* – *Civilizados Branco sobre Branco*

Através de sua poética visualmente impactante, o artista usa o próprio corpo como ferramenta artística contra o racismo estrutural e a invisibilidade histórica

do povo negro no Brasil, a partir do viés conceitual da decolonialidade. Ele propõe pensar nas histórias ausentes, nas palavras não ditas e nas “palavras tomadas”, dando voz ao silenciado e explorando as fronteiras entre a história social ocultada e a apresentada, em um “P. S.” (post scriptum) que reivindica o legado ancestral.

Para ele, ser um artista negro requer consciência de representatividade, resistência, existência, ancestralidade e coletividade. *“Eu tenho um sonho e estou transformando esse sonho em um mantra para que, de tanto ser repetido, inspire outros a sonhar. Me vejo nas crianças negras e, por isso, quero que elas se reconheçam no meu trabalho. Minha arte é um monumento de mulheres e homens negros que inspira o futuro e colabora para que jovens e crianças se reconheçam – e sintam que também podem voar alto e estabelecer sua representatividade para que nunca mais deixem de sonhar”*, compartilha.

Juliana Crispe salienta que a mostra panorâmica do artista vai além de uma exposição: é um chamado urgente para que a história do país seja revisitada. *“Que esta exposição seja um manifesto para a história do Brasil que precisa ser interrogada e reconstruída, ativando a educação como campo de ação e transformação. Que cada pessoa que visite CORpo MANIFESTO possa questionar seu papel e refletir sobre sua atuação nos processos de mudança nesta sociedade”*, afirma a curadora.

Para o curador Claudinei Roberto, a exposição ressignifica a função da arte na contemporaneidade, ao abor-



CORpo MANIFESTO

dar temas de grande relevância social. *“O corpo do artista é uma plataforma de resistência e reflexão sobre as tensões entre o passado colonial e o presente racista. Sérgio Adriano H traz à tona as feridas históricas que ainda precisam ser curadas, e faz isso com uma linguagem que é simultaneamente poética e política, desafiando o público a participar ativamente dessa reflexão”*, conclui.

Durante o período da exposição estão previstas diversas visitas mediadas, workshop e rodas de conversa, ampliando o contato do artista e curadores com o público.

SOBRE SÉRGIO ADRIANO H

É artista visual afro-diaspórico, performer, fotógrafo, pesquisador, formado em artes visuais e mestre em

filosofia. Vive e produz entre sua cidade natal, Joinville/SC, Florianópolis/SC e São Paulo/SP. Contabiliza mais de 220 exposições nacionais e internacionais, com destaque para as individuais: *“desCOLONIZARCORpos”*, no Institut National d’Histoire de l’Art, Paris, e Caixa Cultural, Brasília, ambas em 2023. Entre as mostras Coletivas, *“dos Brasis”* (2024/2025), coletiva itinerante Sesc Nacional; 13ª e 14ª Bienal Internacional de Curitiba (2017/19); 8ª Bienal Argentina (2018); *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna da Bahia (2022); e *“Visão do Paraíso”*, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo/Moçambique (2022). Possui obras em 20 acervos públicos, dentre os quais, Museu de Arte Contemporânea – MAC USP; Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM; Museu de Arte do Rio – MAR; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM.

FRESTAS, DE RENATA TASSINARI



Narciso II,
2023

Foto:
Romulo Fialdini

Doze trabalhos, recentes e inéditos, feitos sobre caixas de acrílico pintadas por fora e por dentro, compõem a exposição que comemora os 40 anos de trajetória da artista, no segundo andar do CCB. Com curadoria Fe-

lipe Scovino, as obras exibem um recorte da produção de Tassinari com foco na geometria e nas situações intervalares que sua pintura objetual apresenta. *“A pesquisa em torno de uma forma que inclina-se à não*



Marola, 2022

Foto: Romulo Fialdini

fixação, move suas obras para um lugar onde a cor e a forma tendem a idealizar uma ideia ou imagem da natureza”, revela Felipe Scovino.

Apesar de não serem feitas no suporte tradicional da tela, a artista chama as obras de pinturas. *“Os trabalhos têm uma relação muito forte com a forma e com a cor, uma pesquisa que venho desenvolvendo há muitos anos. São pinturas, mas têm um caráter de objeto porque saem da parede e conversam com o espaço”, afirma.*

A artista, que trabalha há bastante tempo com as caixas de acrílico, foi criando novos formatos e trazendo novos elementos para as obras, como a madeira e o acrílico espelhado. *“Chamei alguns trabalhos de ‘Narciso’ por causa do espelho – mas o acrílico espelhado não é como um espelho no qual você vê exatamente a sua imagem, é uma imagem distorcida”, diz Renata, ao explicar que a imagem refletida pelo acrílico tem movimento, como o fluxo de água de um rio.*



Ultramar, 2024

Foto: Romulo Fialdini

“A cor nas obras de Tassinari corre. Mesmo concentrada, adquirindo um certo grau de espessura, a cor deseja o movimento. A estrutura de acrílico, preenchida de cor, longilínea e quebradiça condiciona um deslocamento. Há decididamente a imagem metafórica de um rio e não é à toa, portanto, que alguns títulos, mais uma vez, evoquem esse universo das águas”, diz o curador, referindo-se aos nomes de obras como “Marola” e “Ultramar”.

A artista começou a trabalhar com as caixas de acrílico – que inicialmente eram usadas como moldura para seus desenhos – em 2002, com o intuito de ampliar a relação arquitetônica das obras com o espaço. No início, pintava apenas por cima das caixas, mas, com o tempo, começou a pintar também internamente. *“Faço uma relação entre a cor e o brilho; a tinta acrílica vai por dentro e tinta a óleo vai por fora. Venho de uma*

tradição de pintura na tela de muitos anos e gosto de usar o óleo, pois acho que as cores são mais interessantes, gosto da textura, ela tem mais corpo, acho que funciona melhor”, conta.

As obras possuem diversos formatos, sejam horizontais, verticais, em L ou em cruz. Em algumas obras, como *“Ultramar”* e *“Copacabana”*, por exemplo, o acrílico espelhado entra como um elemento entre duas barras verticais, criando um espaço, um intervalo entre elas. Em outras, como *“Marola”*, o acrílico espelhado é completado por cores variadas. Já as obras em formato de L parecem ser parte de uma estrutura geométrica a ser completada. O nome da exposição – *“Frestas”* – tem a ver com essas questões, com o intervalo, com os espaços vazados.

“Há esta ideia de fratura, da espera de uma espécie de complemento, sejam nas ‘Beiras’, seja na ‘Marola’ ou em ‘Narciso’. No caso de ‘Narciso’, esse complemento vem muito do espelhamento que o trabalho produz e, portanto, da relação do espectador que se vê dentro daquele trabalho. A geometria, de alguma forma, se alimenta daquele espectador, há um certo grau cinético”, ressalta o curador.

SOBRE A ARTISTA

Renata Tassinari (São Paulo, 1958) formou-se em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP, em 1980. Dentre suas últimas exposições individuais estão: *“Reflexos”* (2024), na Galeria Marília Razuk, São Paulo; *“Construções Planares”* (2023), na Maneco Muller: Multiplo, Rio de Janeiro; *“Beiras”* (2019), na Galeria Marília Razuk, São Paulo; *“A Espessura da Cor”*

(2018), na Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro; e *“Renata Tassinari”* (2015), no Paço Imperial, Rio de Janeiro. Entre as principais exposições coletivas estão: *“A Tela Insurgente”* (2025), no Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto; *“Mulheres na Coleção MAR”* (2018), no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; *“Brazilianart”* (2006), no Pavilhão da Bienal, São Paulo; *“Arquivo Geral”* (2006), no Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro; *“1ª Mostra do Programa de Exposições”* (1999), no Centro Cultural São Paulo; mostra no Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), SP, em 1998.

SERVIÇO

CORpo MANIFESTO – Sérgio Adriano H

Até 15 de setembro

Frestas– Renata Tassinari

Até 22 de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br

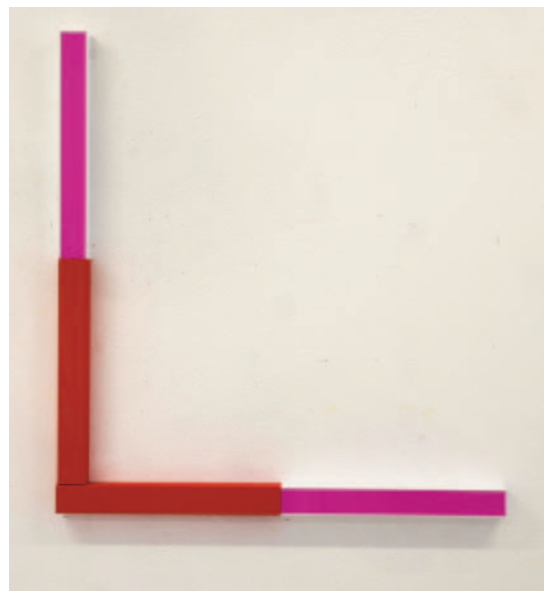
Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h.

Fechado às terças-feiras.

Classificação indicativa: Livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do CCBB

– bb.com.br/cultura



Beira Rosa II, 2025

Foto:
Romulo Fialdini



"Telma Saraiva e a fascinação do mundo" no Museu de Arte do Rio

*A nova mostra do MAR
apresenta a obra
da cearense Telma Saraiva,
uma das artistas pioneiras
da fotopintura no Brasil*

Atuando desde os anos 1940 no município de Crato, no Cariri, Telma Saraiva comandou o Foto Saraiva – único estúdio fotográfico gerido por uma mulher na região – e criou uma estética própria ao colorir retratos com tin-

tas, entre minúcia técnica e imaginação artística. A curadoria da mostra, realizada em parceria com o Museu Orgânico Casa de Telma Saraiva, é assinada por Bitu Cassundé, Amanda Bonan e Marcelo Campos.



As fotopinturas produzidas por Telma revelam uma atenção minuciosa aos gestos, vestimentas e expressões de seus clientes, geralmente representados com teatralidade, em composições que evocam a aura glamourosa do cinema – principalmente o hollywoodiano dos anos 1950. Ao mesmo tempo, seus autorretratos exploram a performance da identidade: ela se transforma diante da câmera, assumindo papéis e desafiando as convenções de representação vigentes em seu tempo.

“A exposição apresenta o fabuloso universo da fotógrafa cearense Telma Saraiva, e as diferentes estratégias que ela utiliza na reinvenção do seu mundo, por meio da fotografia e do cinema. É através da linguagem da fotopintura, que ela subverte sua imagem transformando-a em diferentes personagens, inspirados nas divas da sétima arte. Além do conjunto de autorretratos desenvolvidos a partir dos anos de 1940, a mostra evidencia a sofisticação dos álbuns de retrato com registros dos filhos e seu trabalho incansável no

estúdio de fotografia na cidade do Crato, além do seu protagonismo feminino e a sua relevância nas estratégias relacionadas a imagem, ficção e performatividade, a partir do Cariri cearense”, destaca o curador convidado Bitu Cassundé.

Telma Saraiva e a fascinação do mundo recria o estúdio fotográfico da artista e apresenta mais de 200 fotopinturas. Dividida em quatro núcleos – *Album de família; Auto-retratos: tornar-se outro; Subversão da técnica; e Registro do outro* – a exposição articula elementos da própria história da fotografia, que, no entendimento curatorial, podem ser vistos como a expressão de um novo paradigma – sobretudo por celebrar o pioneirismo de uma mulher do interior do Brasil.

“A artista é protagonista da sua própria história, uma mulher que faz com que o próprio trabalho seja a renda principal da família. Em contraposição, por exemplo, à presença masculina do marido. Ela produziu aquilo que a gente chamaria de autoficção, de modo precursor para as artes brasileiras: fascinada pelas estrelas do cinema, pela presença do cinema, passa a se retratar como se fosse uma personagem de clássicos do cinema mundial, sobretudo americano”, afirma Marcelo Campos, Curador-Chefe do MAR.

Dentro dessa lógica, Campos ressalta ainda o desejo da artista de tornar-se bonita e orgulhosa de sua própria imagem: *“Isso não só em relação à imagem dela, mas também a imagem das pessoas do Ceará como um todo. Enquanto olhavam o Ceará associando-o a ima-*

gens relativas às mazelas, à seca, à aridez, ela insistiu em imagens relativas às festas, às celebrações, os 15 anos, os batizados, os nascimentos, os casamentos, e estava ali se divertindo, fantasiada nos bailes de carnaval”, conclui o Curador-Chefe do MAR.

Telma Saraiva não apenas registrou fotografias – reinventou, com sutileza e ousadia, os modos de ver, lembrar e imaginar a si e aos outros no sertão do Ceará.

SERVIÇO

“Telma Saraiva e a fascinação do mundo”

Até outubro 2025

Museu de Arte do Rio – MAR

Praça Mauá, 5, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: Fechado às quartas-feiras; terças gratuitas; visitação das 11h às 18h ( ltima entrada às 17h)

Ingressos: R\$ 20,00 (inteira), R\$ 10,00 (meia)





Renato Bezerra de Mello, *Bordando em silêncio*, 2009

Fotos: Divulgação

VISTAS DE DENTRO, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

Coletiva inédita reúne obras que refletem a casa como espaço íntimo, simbólico e afetivo. Jeane Terra, Liana Nigri, Luiz Eduardo Rayol, Maritza Caneca e Renato Bezerra de Mello estão entre artistas selecionados

A exposição marca a quinta edição do programa “*Visita ao acervo*” e reúne 16 trabalhos de artistas representados e convidados. Curada por Cecília Fortes, a mostra promove um diálogo instigante entre obras do acervo da galeria e a produção contemporânea de seus artistas, a partir de diferentes recortes temáticos.

Nesta edição, a curadoria parte da ideia de casa, inicialmente concebida como moradia e espaço doméstico, mas expandida em seus significados simbólicos, afetivos e metafóricos. Mais do que abrigo, a casa é entendida como extensão do ser, como lugar de memória, identidade e presença.

Inspirada também nos pensamentos do filósofo italiano Emanuele Coccia, para quem a casa é uma “realidade moral” que abriga o bocado de mundo necessário à nossa felicidade – pessoas, objetos, atmosferas, lembranças –, a exposição amplia o conceito de lar para abarcar noções de corpo, intimidade, arquitetura e transformação.

Com diferentes linguagens – pintura, escultura, fotografia, instalação, bordado e vídeo – *Vistas de dentro* constrói uma poética do habitar, revelando como o ambiente doméstico e o corpo podem ser fontes de investigação estética. A exposição oferece múltiplas cama-

das de leitura sobre o espaço íntimo e seu papel na constituição do sujeito contemporâneo.

Entre as obras selecionadas estão uma fotografia de Luiza Baldan, que eterniza um espaço carregado de valor afetivo; a pintura de Marjô Mizumoto, retratando sua filha Marie em sono tranquilo, cercada por seu universo pop infantil; o jogo de guardanapos do enxoval dos pais de Renato Bezerra de Mello, com detalhes encobertos por pontos livres de bordado feitos por ele com parentes e amigos, num gesto de apropriação e aproximação; a mesa posta de Patrizia D'Angello, em torno da qual as reuniões de família acontecem; e o interesse de Arthur Chaves pela costura e a arte têxtil, desencadeados ainda na infância, enquanto observava a mãe trabalhando na máquina de costura, num quatinho dentro de casa.

Arthur Chaves, *Sem título*, 2019

Foto: Gabi Carrera



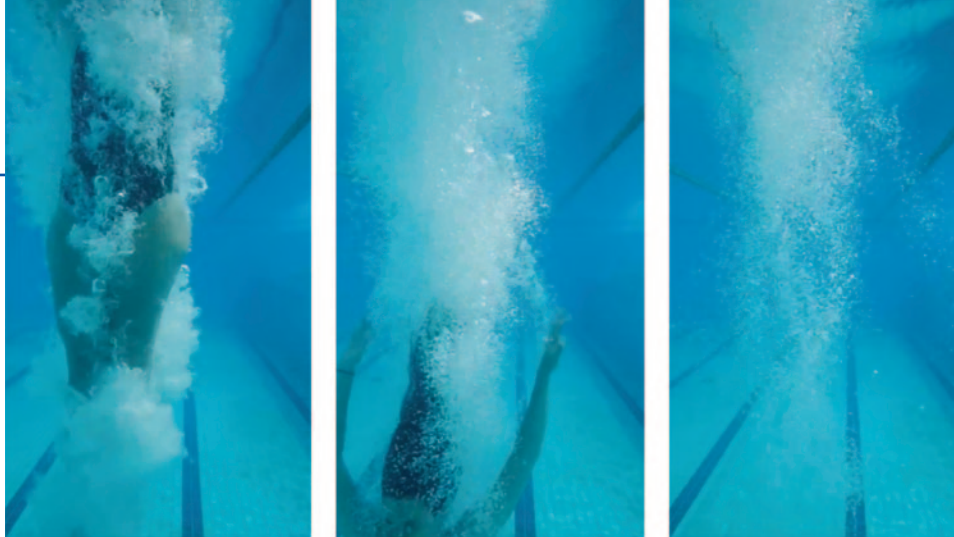
A coletiva apresenta, também, trabalhos que se relacionam com arquitetura e representação, resíduos e pesquisa de materiais. Entre eles, a delicada escultura em metal de Nathalie Ventura; a casa peluda que brotou na imaginação da artista Cristina Salgado, em meio a uma massa amorfa rosada; os escombros impregnados de memória de uma casa em ruínas, transformados em escultura por Jeane Terra e a composição de Duda Moraes, montada com costura de resíduos de tecidos de estofado descartados, convertidos em jardins têxteis pelas mãos da artista. “Songe” (2023), obra do artista belga Gustavo Riego, também integra a seleção.

A vertente metafórica casa-corpo se apresenta nos trabalhos de Liana Nigri, cujo processo escultórico se desenvolve através de gestos de contato do corpo com a matéria que resultam na impressão da memória de

Gustavo Riego, *Songe*, 2023

Foto: Divulgação





Maritza
Caneca,
Video
Imersão
Foto: Still

uma presença, um mapa sensorial de conhecimento íntimo, e nas pinturas de Luiz Eduardo Rayol, que entrelaçam o corpo-carne com o corpo-energético em questionamentos metafísicos sobre a potência da natureza e a fragilidade da nossa existência.

A videoarte de Maritza Caneca, exibida em um container a céu aberto instalado na galeria, complementa a exposição e convida o público a uma experiência sensorial e imersiva.

SERVIÇO

“Vistas de dentro”

Até 23 de agosto

Anita Schwartz Galeria de Arte

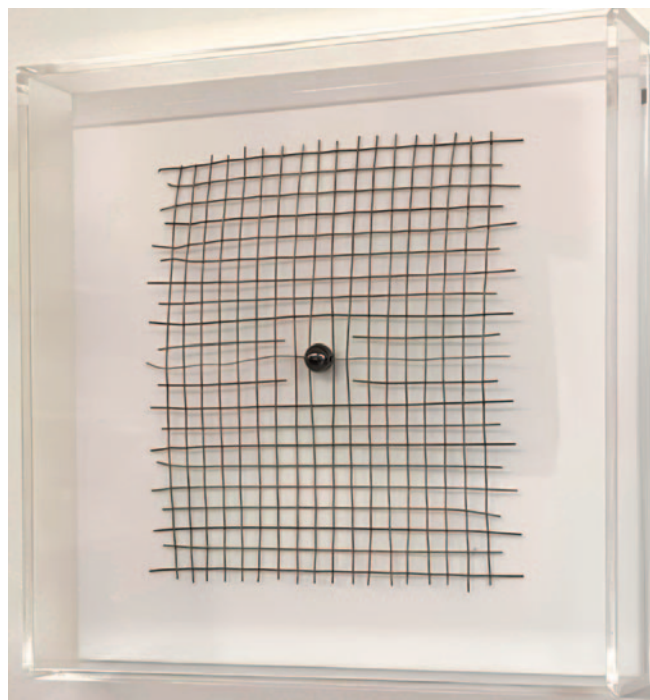
R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br



Nathalie Ventura, *Escavar com as mãos os metais*

Foto: Divulgação



Marjo Mizumoto, *Hello, how are you?* (Marie Yukie Mizumoto Gomes), 2024

Foto: Divulgação

Daniel Senise

Vivo confortavelmente no museu



Sem título 8, 2025

Foto: Flávio Freire

A partir de 21 de agosto, obras inéditas e recentes do artista serão exibidas na Nara Roesler Rio de Janeiro. O texto crítico é de Luiz Armando Bagolin



Sem título (Raoul Dufy), 2025

Foto: Flavio Freire

Os trabalhos recentes de Senise ganham novos processos e materiais, a partir de sua coleção de capturas em tecido de chãos e paredes de locais arruinados, históricos ou de seus próprios ateliês, feitas desde o início dos anos 2000. Recortando e colando com precisão pequenos pedaços desses panos, ele reconstitui a imagem do lugar onde as capturas foram feitas, ou recria outros espaços, como fachadas de museus e instituições de arte – o artista incorpora novos procedimentos nos tecidos de sua coleção, intervindo com tinta líquida, pó de ferro, betume e carvão, provocando "imagens involuntárias", posteriormente inseridas em suas composições de espaços museológicos.

O percurso da exposição começa com uma obra da série de trabalhos de museus – *"Sem título (Raoul Dufy)"*, 2025, com 1,25 metro por 2,30 metros, repre-

sentando a sala curva do painel em homenagem à eletricidade de Raoul Dufy (1877-1953), no Museu de Arte da Cidade de Paris. No segundo andar, tem lugar de destaque a obra *"Sem título (Bourse de Commerce – Pinault Collection)"*, 2024, com um metro de altura por 2,80 metros de comprimento, onde uma captura de parede toma o lugar da pintura decorativa que representa cenas de comércio mundial, localizada na parte inferior da cúpula do prédio histórico em Paris.

MUSEU DO FUTURO

Em seu texto crítico, Luiz Armando Bagolin afirma: *"As telas funcionam como painéis de um museu do futuro, no qual veremos não mais as imagens canônicas, mas as suas ausências: o que restou delas após o tempo, o descaso, o colapso do olhar. E, ainda assim, essa ausência é habitada. Porque o que se vê, nessas superfícies*

preparadas como um palco da desapareição, não é o vazio, mas a memória da imagem enquanto forma de sobrevivência – como se a arte, mesmo depois de apagada, ainda deixasse uma poeira de sentido suspensa no ar”.

“As obras recentes de Senise não se oferecem como enigmas a serem decifrados, mas como zonas de indeterminação onde a imagem já não se dá como presença plena, e sim como intervalo, ruído ou resíduo. Não há aqui um discurso fechado sobre o fim da pintura – há, antes, a sustentação poética de sua latência. O que se vê é o que ainda não chegou completamente a ser, mas que insiste em permanecer. Em tempos de saturação imagética, talvez seja esse o gesto mais radical: devolver à pintura o poder de ser lacuna, silêncio e espera”, afirma o crítico.

O título da mostra, *“Vivo confortavelmente no museu”*, é uma frase de um personagem do livro *“A invenção de Morel”*, de Bioy Casares (1914-1999) – um condenado

à prisão perpétua, que chega a uma ilha, e chama de museu a construção abandonada em que mora.

SOBRE DANIEL SENISE

Daniel Senise nasceu em 1955, no Rio de Janeiro. Um dos expoentes da chamada Geração 80, desde o final da década de 1990 tem em sua prática artística o que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Há mais de 40 anos, participa de exposições no Brasil e no exterior, como as 18ª, 20ª, 24ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1985, 1989, 1998 e 2010); a 44ª Biennale di Venezia, Itália (1990); 2ª Bienal de La Habana, Cuba (1986); 11ª Bienal de Cuenca, Equador

Sem título (Bourse de Commerce – Pinault Collection), 2024

Foto: Flavio Freire



(2011) e *“Luz ≅ Matéria”*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba (2017). Recentemente fez as individuais *“Biógrafo”*, no Museu de Arte Contemporânea da USP (2023), *“Verônica”*, na Nara Roesler (2022), em São Paulo; *“Todos os santos”*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo (2019); *“Antes da palavra”*, na Fundação Iberê Camargo (2019), em Porto Alegre; *“Printed Matter”*, na Galeria Nara Roesler (2017), em Nova York; *“Quase aqui”*, no Oi Futuro Flamengo (2015), no Rio de Janeiro; e *“2892”*, na Casa França-Brasil (2011), no Rio de Janeiro.



Sem título 1, 2024

Foto: Flavio Freire

SERVIÇO

“Daniel Senise – Vivo confortavelmente no museu”

Abertura: 21 de agosto, às 18h

Até 11 de outubro

Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052

info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>



Sem título 9, 2025

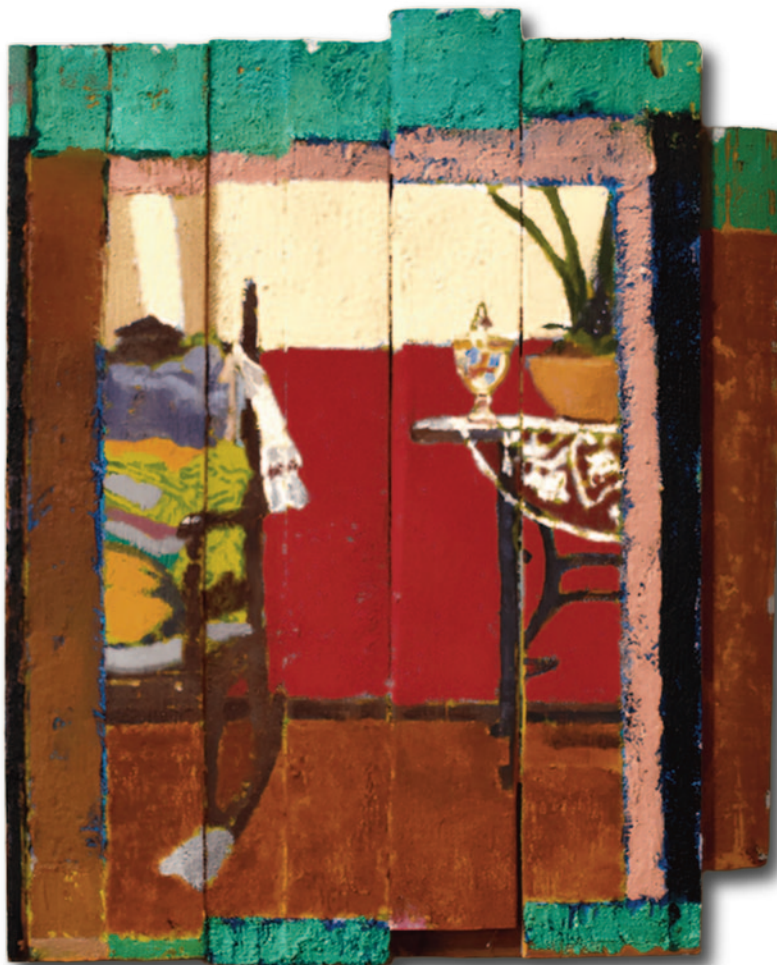
Foto: Flavio Freire

Na página ao lado:
Sem título 4, 2024

Foto: Flavio Freire



“A ROTINA DAS PAREDES”



Uéslei Fagundes
Foto: Divulgação

Exposição com pinturas de interiores e naturezas-mortas inaugura espaço reformado da Galeria Contempo, em São Paulo

Primeira exposição no espaço físico reformado da galeria, “*A rotina das paredes*”, apresenta um conjunto de uma dezena de pinturas de Chen Kong Fang, Lilian Camelli e Uéslei Fagundes, em um recorte voltado a

pinturas de interiores e de naturezas-mortas da produção dos artistas. A mostra, com curadoria de Gabriel San Martin, permanecerá na galeria até o dia 23 de agosto.

Se o ponto alto de boa parte da pintura figurativa brasileira se manifestou em gêneros “menores”, como na natureza-morta, na paisagem e na pintura de gênero, San Martin argumenta que sua vocação privada reitera a constituição de um espaço privilegiado de esclarecimento da capacidade de cada um de dispor o mundo.

“A espacialidade estranha casada às superfícies instáveis e ao tonalismo tímido das pinturas, como por exemplo nas obras de José Pancetti, Alfredo Volpi, Eleonore Koch e do próprio Chen Kong Fang, encontra a intimidade protetora de um espaço doméstico que destabiliza as relações entre figura e fundo, sujeito e objeto. Como se diferenciando público e privado, fosse ainda tudo a mesma coisa”, afirma o curador.

Ao reunir obras de Uéslei Fagundes e Lilian Camelli em diálogo com o trabalho de Chen Kong Fang, a coletiva evidencia a tensão persistente do espaço doméstico: sua resistência ambígua em não se tornar também um território público – questão importante na história da pintura brasileira. Por meio da manipulação dos suportes, da simulação tridimensional e das transições tonais, as pinturas exploram a condição do gênero doméstico como um laboratório crítico da realidade.

OS ARTISTAS

Chen Kong Fang (1931-2012) foi um pintor, desenhista, gravador e professor sino-brasileiro. Estudou sumiê e aquarela na China antes de imigrar para São Paulo em 1951, naturalizando-se brasileiro em 1961. Formou-se com Yoshiya Takaoka e realizou sua primeira individual em 1959. Após breve fase abstrata, consolidou-se no figurativismo, linguagem que marcou sua carreira.

Lecionou na Faculdade de Belas Artes de São Paulo e participou de importantes salões e mostras no Brasil e no exterior, recebendo diversos prêmios. Sua obra une referências orientais e ocidentais com grande sensibilidade técnica.



Chen Kong Fang

Foto: Divulgação

Lilian Camelli (1958, Ypacaraí / Paraguai) uma das principais pintoras paraguaias em atividade, realizou individuais no Brasil e no exterior e possui obras em importantes coleções públicas nacionais e internacionais. Tendo por norte a pintura figurativa, na qual se debruça sobre um repertório íntimo e afetivo ligado a questões como memória, ausência e feminilidade, tra-

balha com a reconstrução da espacialidade de interiores e naturezas-mortas. Reformulando poeticamente as suas raízes e memórias afetivas da infância no Paraguai, a atmosfera nostálgica das suas pinturas evoca interiores planares, de profundidade rasa, que balanceiam fato e ficção.



Lilian Camelli

Foto: Divulgação

Uéslei Fagundes (1987, Novo Hamburgo / RS) é mes-
trando em Poéticas Visuais pela UFRGS, com pesquisa
voltada à representação do cotidiano na pintura. Utiliza
madeiras coletadas como suporte, explorando memó-
rias e vestígios do tempo. Suas obras combinam cenas

simples com inscrições prosaicas, criando um voca-
bulário pictórico que revela e oculta fragmentos entre
frestas e superfícies marcadas.



Uéslei Fagundes

Foto: Divulgação

SERVIÇO

“A rotina das paredes”

Chen Kong Fang, Lilian Camelli e Uéslei Fagundes

Até 23 de agosto

Galeria Contempo

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1644, Jardim América,
São Paulo / SP | Tel.: (11) 3032-5795

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábados, das 10h às 16h

galeriacontempo.com.br



Filha Natural #6, 2018-2019

Foto: Divulgação

FILHA NATURAL, de ALINE MOTTA, no Sesc Copacabana, RJ

Sob curadoria de Fernanda Terra, a mostra mistura história e fabulação para dar voz à tataravó de Aline Motta, mulher negra nascida no século XIX, e suas conexões com o presente

Identidade, racismo, ancestralidade e permanências coloniais são temas abordados na exposição que propõe outras formas de ver e narrar a história. Resultado de pesquisa documental e afetiva, a partir de uma análise inédita de iconografia histórica e de relatos

orais de sua própria família, *Filha Natural* parte da trajetória apagada de uma mulher negra: a tataravó da artista, possivelmente nascida em 1855 em uma fazenda de café na região de Vassouras (RJ), um dos principais centros do escravismo no século XIX. A exposição



Da esquerda para a direita: *Filha Natural #2* e *Filha Natural #3*, 2018-2019

Fotos: Divulgação

articula diferentes linguagens para reconstruir fragmentos dessa história, tensionando as ausências deixadas pela narrativa oficial.

Entre os trabalhos, destacam-se o filme ficcional que dramatiza o processo de busca por suas raízes, e “*Etereoscópico*” – grande painel fotográfico que justapõe duas imagens captadas no mesmo lugar, a partir da varanda da Fazenda do Ubá: uma assinada por Revert Henrique Klumb, possivelmente feita em 1860 e outra feita pela própria artista, mais de 150 anos depois. O gesto entrelaça passado e presente e propõe uma reflexão sobre o tempo, as marcas da memória e as histórias que resistem.

Reconhecida por uma obra que cruza fotografia, vídeo, instalação e performance, Aline Motta tem investigado as camadas da memória afro-atlântica e as narrativas silenciadas. Seus trabalhos já foram apresentados em importantes instituições e eventos no Brasil e no exterior, além de sua produção literária, cujo livro *A água é uma máquina do tempo*, foi finalista do Prêmio Jabuti 2023.

Realizada com apoio do Sesc RJ 2025, a exposição *Filha Natural* é fruto do Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar, ini-

ciativa que fomenta a produção artística em suas diversas modalidades e promove o desenvolvimento de processos criativos, a formação de público e a inclusão social.

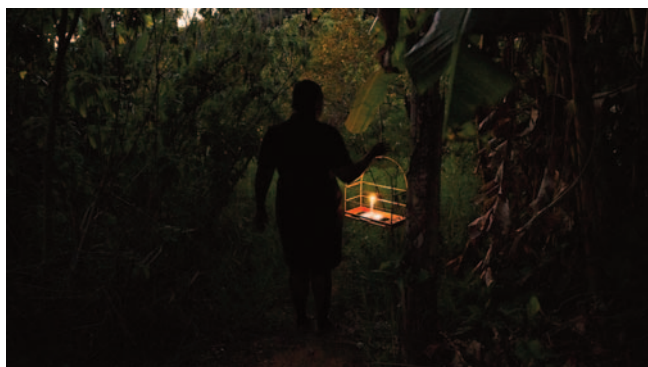
SOBRE ALINE MOTTA

Aline Motta é artista visual e escritora. Combina diferentes técnicas e práticas artísticas em seu trabalho, como fotografia, vídeo, instalação, performance e colagem. Participou de bienais e trienais como a de Sharjah, EAU (2023), São Paulo, Brasil (2023), Coimbra, Portugal (2024), Stellenbosch, África do Sul (2025), Trondheim, Noruega (2025). Exibiu suas obras no MoMA, New Museum, Pompidou-Metz, MASP, MALBA, Centro Cultural Kirchner (Argentina), Rencontres de la Photographie, Arles (França), MAR, MAM-Rio. Seu livro “*A água é uma máquina do tempo*” foi finalista do Prêmio Jabuti 2023.

SOBRE FERNANDA TERRA – CURADORA

Fernanda Terra é mestre em Museologia e Patrimônio, pós-graduada em História da Arte Contemporânea e Arquitetura no Brasil, graduada em Arqueologia com ênfase em Arte Pré-Histórica, e artista visual. Membro do International Council of Museums (ICOM), atua desde 2005 nas Artes Visuais desenvolvendo projetos para museus, centros culturais, galerias, coleções e ar-

tistas. Como curadora, assinou exposições como *O Rio dos Navegantes* (MAR), *Mestres da Gravura* (Biblioteca Nacional), *Traços de NY – Joaquín Torres-García*, *Desobediência Tecnológica* (Caixa Cultural), entre outras.



SERVIÇO

Filha Natural – Aline Motta

Até 21 de setembro

Sesc Copacabana

Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 19h

Classificação etária: Livre

Entrada gratuita

Filha Natural #8, 2018-2019

Foto: Divulgação



Filha Natural #9, 2018-2019

Foto: Divulgação

II Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque celebra cruzamentos entre gesto artístico, palavra e ancestralidade

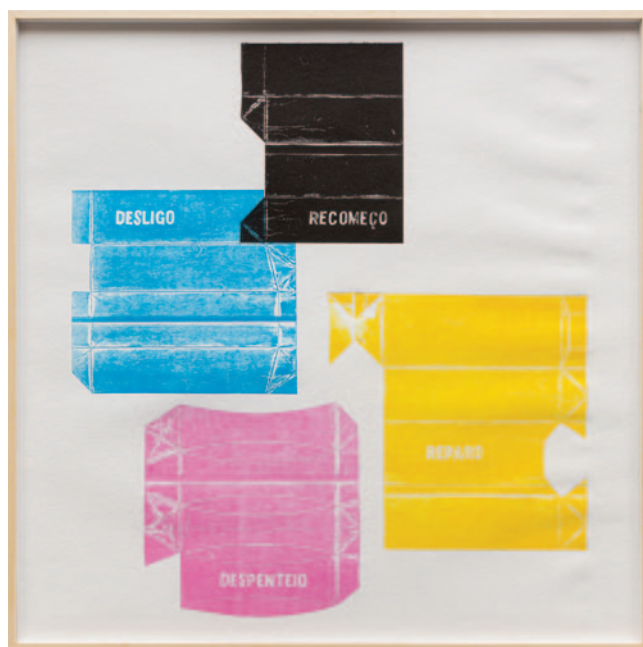
Obra de Marcelo Cipis, Exposição *Palavra e gesto*

Foto: Divulgação



Três novas mostras compõem o II Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque, até 26 de outubro. A programação gratuita inclui as exposições "*Palavra e gesto*", coletiva na Galeria do Parque; "*Carolina Colichio: Substrato*", no Gabinete; e "*Antonio Pulquério: É de SANTO, é de BARRO*", no Projeto 280X1020.

A coletiva "*Palavra e gesto*", com texto crítico de Camila Bechelany, reúne trabalhos de Fabio Miguez, Maíra Dietrich, Marcelo Cipis, Marilá Dardot, Monica Barki e Rafael Alonso. As obras exploram a intersecção entre pintura e escrita, tensionando imagem e texto em poéticas verbo-visuais singulares, que remetem à visualidade vernacular e cotidiana.



Marilá Dardot, *Léxico*, Exposição *Palavra e gesto*

Foto: Ana Pigosso



Fabio Miguez, *Deserto*,
Exposição *Palavra e gesto*

Foto: Divulgação



Carolina Colichio, *Escritura*, 2024, Exposição *Substrato*

Foto: Estúdio em obra



Antonio Pulquério,
Um Jardim para Bárbara,
2021
Exposição
É de Santo, É de Barro
Foto: Antonio Pulquério

No Gabinete, a mostra "*Subtrato*" apresenta a pesquisa de Carolina Colichio (Ribeirão Preto, 1977). A artista utiliza fragmentos e imagens de paisagens em cerâmica e pintura, buscando dar visibilidade a existências e propor uma mediação da matéria. Suas peças, que remetem a fósseis e minerais, convidam à percepção do potencial ilimitado das coisas, fomentando uma natureza comum e interconectada.

O Projeto 280X1020 recebe "*É de SANTO, é de BARRO*", de Antônio Pulquério (Campos Sales, CE, 1967). A intervenção subverte a lógica modular minimalista ao usar módulos artesanais de barro queimado. As peças, que remetem a Espadas de São Jorge ou Santa Bárbara, entrelaçam o terreno e o divino, refletindo o sincretismo cultural brasileiro onde santos católicos e divindades africanas se confundem. O texto de apresentação da mostra é de autoria de Tadeu Chiarelli.

As mostras contam com direção artística de Claudio Cretti e são uma idealização do Instituto de Cultura Contemporânea (ICCo).

A CASA DE CULTURA DO PARQUE

A Casa de Cultura do Parque, localizada em frente ao Parque Villa-Lobos, no Alto de Pinheiros, em São Paulo, é um espaço plural que busca estimular reflexões sobre a agenda contemporânea, promovendo uma gama de atividades culturais e educativas que incluem exposições de arte, shows, palestras, cursos e oficinas. O espaço tem como parceiro institucional o Instituto de Cultura Contemporânea – ICCo.

SERVIÇO

II Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque

Palavra e gesto – na Galeria do Parque

Carolina Colichio: Subtrato – no Gabinete

Antonio Pulquério: É de SANTO, é de BARRO – no Projeto 280x1020

Até 26 de outubro

Casa de Cultura do Parque

Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros,
São Paulo / SP | Tel.: (11) 3811-9264

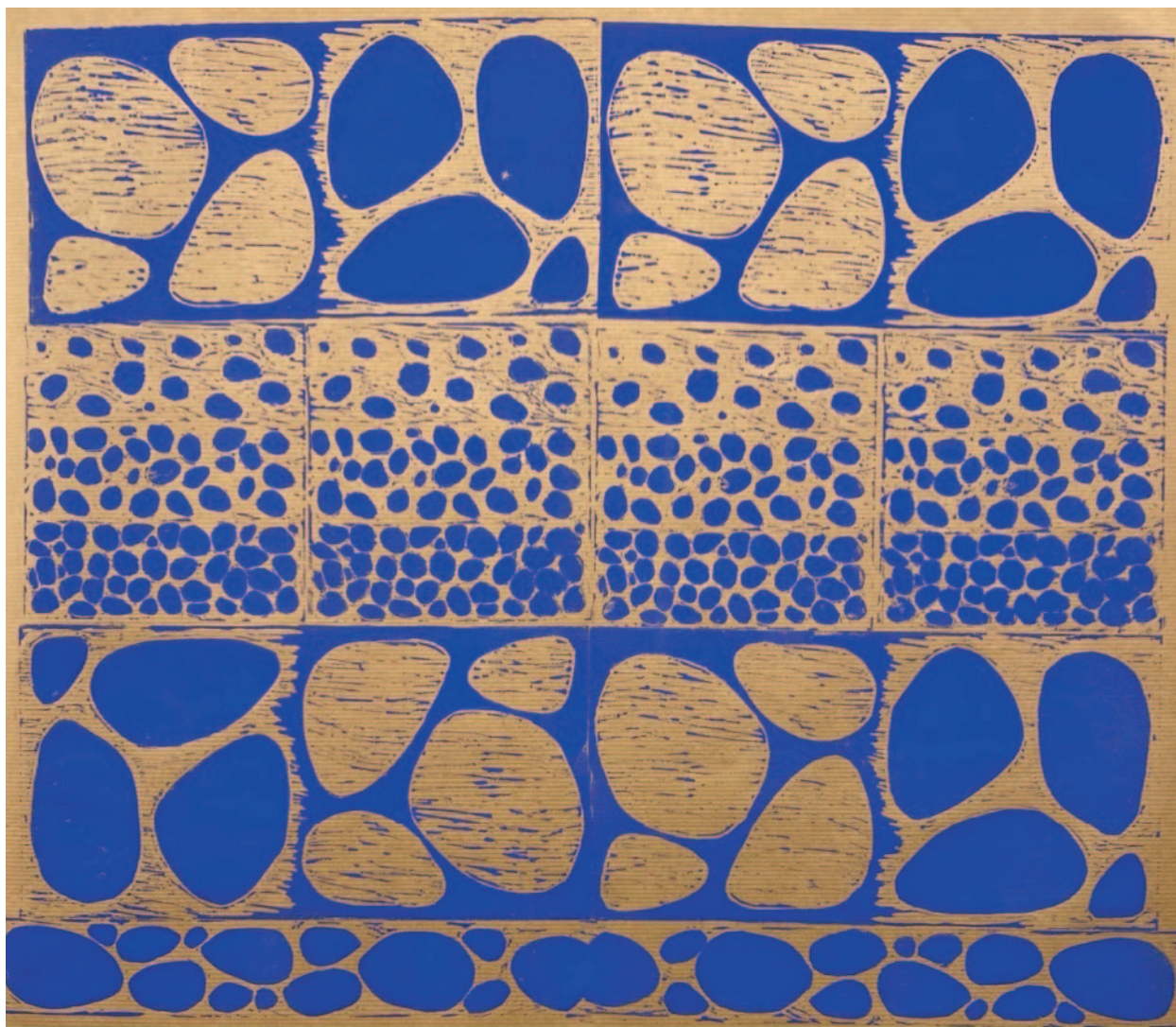
Dias/Horários: quarta a domingo, das 11h às 18h

Toda a programação é gratuita, com classificação indicativa livre, aberta a todos os públicos e está sujeita à lotação do espaço.

Agendamento de grupos: educativo@ccparque.com.br e

Whatsapp (11) 99520-2759 | ccparque.com.br

DO RIO A NICE: ENCONTRO DE LITORAIS



Obra de Mica Barbot

Foto: Divulgação

As Galerias Dobra e Artnova, na Fábrica Bhering, apresentam a exposição “Do Rio a Nice”, até 30 de agosto. Reunindo obras de Mica Barbot, Marcela Wirá, Kadão Costa e Pollyanna Ferrari, a mostra cria um diálogo sensível entre artes plásticas, fotografia e música, evocando as conexões entre o Rio de Janeiro e Nice

Após sua estreia no *Festival de Cultura Brasileira Fête de Yemanjá*, na Riviera Francesa, a exposição chega ao Brasil trazendo paisagens visuais e sonoras que ecoam memórias, ancestralidades e o vínculo com o mar, elo simbólico entre os dois litorais.

As formas geométricas de Mica Barbot se inspiram nos calçadões e praças das cidades-irmãs. As lentes de Marcela Wirá e Kadão Costa revelam encontros entre urbano e natureza, entre silhuetas cariocas e mediterrâneas. A trilha sonora original de Pollyanna Ferrari, com composições como *Meu Rio*, *A Maré* e *Caminhos do Rio pro Mar*, costura esse percurso com afeto e brasilidade.

SOBRE OS ARTISTAS

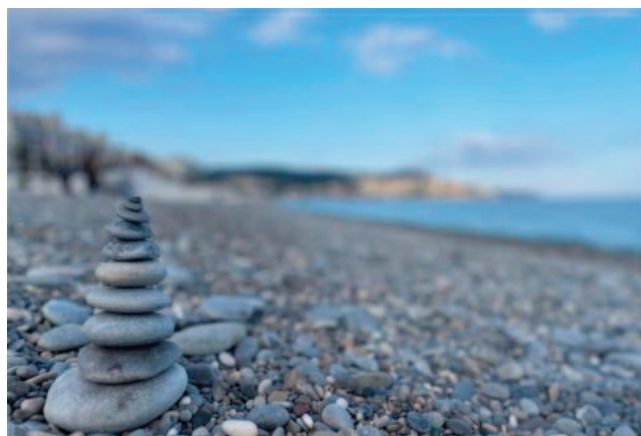
Mica Barbot – Artista visual franco-brasileira, nasceu no Rio e vive em Nice, onde retomou a arte como forma de lidar com a saudade de sua cidade natal. Médica pediatra de formação, consolidou-se também ceramista – desde 2012 se dedica exclusivamente à criação artística. Suas obras traduzem visualmente o vínculo afetivo com o Brasil, explorando o calçadão de Ipanema como símbolo identitário e incorporando, com o tempo, as múltiplas raízes culturais brasileiras. Na mostra, Mica apresenta composições que conectam os traços das cidades-irmãs através da geometria, da memória e da paisagem.

Instagram: [@micabarbot](https://www.instagram.com/micabarbot)

Marcela Wirá – Artista visual e psicóloga, Marcela Wirá desenvolve uma pesquisa poética sobre corpo, tempo

e território, unindo fotografia, performance e ritual. Seus trabalhos revelam camadas individuais e coletivas, como na série *In.vestimenta*, fruto de uma vivência com mulheres Huni Kuin na Amazônia. Em *Do Rio à Nice*, suas imagens capturam silhuetas e luzes que espelham os litorais das duas cidades, revelando encontros sensíveis entre culturas e geografias afetivas.

Instagram: [@marcela.wira](https://www.instagram.com/marcela.wira)



Obras de Marcela Wirá

Kadão Costa – Produtor cultural, fotógrafo e percussionista, Kadão Costa nasceu na favela Santa Marta, no

Rio de Janeiro. Formado em Ciências Sociais e Produção Cultural, é fundador do Ecomuseu Nega Vilma e atua em projetos que entrelaçam arte, memória e território. Suas fotografias, exibidas em diversos contextos no Brasil e na Europa, revelam a potência do cotidiano e o encontro entre urbano e natureza. Na exposição, seus registros conectam o morro ao mar, traçando caminhos visuais entre o Rio e Nice.

Instagram: [@kadaocosta](https://www.instagram.com/kadaocosta)

Pollyanna Ferrari – Cantora, compositora e musicoterapeuta brasileira, Pollyanna Ferrari vive em Nice, onde desenvolve um trabalho musical autoral ancorado nas águas do samba, da bossa nova e do mar. Em 2025, lançou os singles *Meu Rio*, *Aos Pés do Redentor* e *Ben-*

zinho, reafirmando sua conexão com a brasilidade e o afeto. Sua voz costura a narrativa visual da mostra, com composições como *A Maré* e *Caminhos do Rio pro Mar*, criando uma trilha sonora original que ecoa memórias e raízes.

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCK-Azs3MGoOW6HvdCtQJAEvQ>

Instagram: [@pollyanna_ferrari](https://www.instagram.com/pollyanna_ferrari)

SERVIÇO

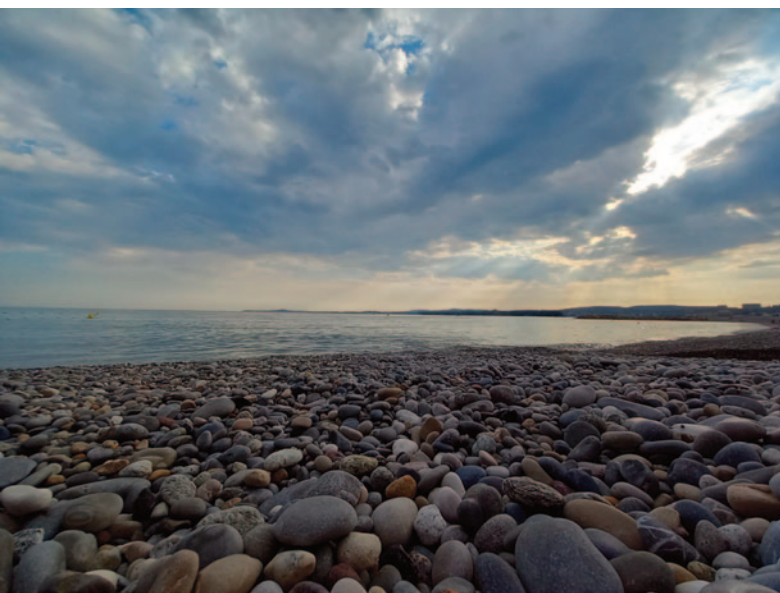
Do Rio a Nice: Encontro de Litorais

Até 30 de agosto

Fábrica Bhering

Rua Orestes, 28, Santo Cristo, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de quarta a sexta, das 12h30 às 17h; sábados, das 10h às 18h



Obras de Kadão Costa

JENNY SAVILLE: ANATOMY OF PAINTING, na National Portrait Gallery, Londres

Maria Hermínia Donato



Propped, 1992
Private Collection
© Jenny Saville,
Courtesy Gagosian

"Comecei a pensar não apenas na anatomia do corpo, mas na anatomia de uma pintura."
Jenny Saville

Em uma das mais aguardadas exposições do calendário londrino, a National Portrait Gallery recebe a primeira grande retrospectiva de Jenny Saville no Reino Unido, reunindo cerca de 50 obras que atravessam três décadas de produção. Intitulada *The Anatomy of Painting*, a mostra lança luz sobre uma trajetória que transformou radicalmente a pintura figurativa contemporânea

e reposicionou a representação do corpo – especialmente o corpo feminino – como espaço de potência estética, política e sensorial.

Saville, nascida em 1970, integra a geração dos *Young British Artists (YBAs)*, mas desde cedo se afasta da teatralidade conceitual que marcou parte do grupo

Compass, 2013

Private collection © Jenny Saville, Courtesy Gagosian





Pieta I, 2019-2021

© Jenny Saville, courtesy The George Economou Collection

para afirmar a persistência da pintura. Influenciada por mestres como Peter Paul Rubens, Lucian Freud, Francis Bacon e Willem de Kooning, sua técnica combina um realismo visceral com gestualidade crua e matéria pictórica densa, onde tinta e carne se confundem. Nas palavras da artista: “*A percepção humana do corpo é tão aguda e precisa que o menor indício de uma forma corporal pode acionar o reconhecimento*”.

A exposição se organiza cronologicamente, partindo de obras icônicas dos anos 1990, como *Propped* (1992) que marcou sua formatura na Glasgow School of Art até trabalhos recentes que exploram o embate entre o físico e o virtual. Em *Propped*, Saville inscreveu na própria pintura, ao contrário, uma citação da filósofa feminista Luce Irigaray, legível apenas através do espelho: *Se continuarmos a falar da mesma maneira, a falar como os homens falam há séculos, falharemos uns aos outros*”.

Esse gesto inaugural sintetiza a tensão que percorre sua obra: uma crítica incisiva às convenções do nu feminino na história da arte, sem abdicar da tradição pictórica.

As figuras de Saville são, em sua maioria, corpulentas, ambíguas, por vezes andróginas ou em estados de metamorfose. Se por um lado evocam a *Vênus de Urbino*, a *Olym-*



Stare, 2004-2005
The Board Art Foundation
© Jenny Saville, Courtesy
Gagosian

pia de Manet ou os corpos monumentais de Rubens, por outro desafiam frontalmente os ideais normativos de beleza, gênero e maternidade. Ao pintar mulheres como elas mesmas se veem, como afirmou em entrevistas, Saville faz do corpo um território simbólico carregado de história, violência, sensualidade e transformação.

A artista recusa o retrato convencional. Em vez de indivíduos famosos, suas telas mostram rostos e corpos amalgamados, construídos a partir de fotografias, sobreposições e apagamentos. Para ela, o uso da fotografia não é um artifício técnico, mas uma via para captar o que o modelo vivo não conseguiria manter: *“Você pode capturar coisas sobre como o corpo se*

move, ou a interação entre corpos, que não conseguiria se dissesse: ‘Pode segurar essa pose por duas horas?’”. Como Bacon antes dela, Saville prefere a distância analítica da imagem ao contato direto com o modelo, não por recusa à observação, mas por desejo de alcançar uma verdade mais abstrata, quase mítica.

Esse impulso é evidente em obras recentes como *Reproduction Drawings I-III*, que exploram a relação simbiótica entre mãe e filho com base em releituras do cartone renascentista de Leonardo da Vinci. Ao sobrepor desenhos de gestos apagados e repetidos, Saville dissolve os contornos individuais para expor a fusão física e emocional entre os corpos. É nesse gesto que

sua pintura mais se aproxima da escultura clássica, não como citação formal, mas como reencarnação de uma temporalidade densa e viva.



Drift, 2020-2022

Private Collection © Jenny Saville, Courtesy Gagolian

Linda Nochlin, referência fundamental para o pensamento feminista na arte, descreveu Saville como a artista que representa com brilho e brutalidade nossos piores medos sobre corpo e gênero. Seria injusto só ouvir a uma voz de denúncia. Saville busca a beleza (ainda que uma beleza inquietante) e afirma isso com convicção: “*As coisas mais belas são as que me atraem cada vez mais. Quando tinha 25 anos, flores me pareceriam clichê. Hoje, sei o quanto são poderosas.*”

Em *The Anatomy of Painting*, Jenny Saville surge como uma artista em pleno vigor criativo, moldando com maestria técnica e sensibilidade conceitual cada fragmento de corpo e cor. Em uma era saturada por ima-

gens efêmeras e aparências editadas ao extremo, sua pintura pulsa na contramão – reivindica o peso da carne, a lentidão do gesto, a fragilidade viva da matéria. Saville não apenas convoca a história da arte: ela a reencarna com densidade e risco, fazendo do corpo uma paisagem onde o tempo, a dor e o desejo ainda deixam marcas. Em cada camada, ecoa uma pergunta essencial: o que é, afinal, habitar um corpo que sente, muda e resiste?

SERVIÇO

Jenny Saville: The Anatomy of Painting

Até 7 de setembro

(Em seguida, a mostra viaja para o Modern Art Museum of Fort Worth, EUA)

National Portrait Gallery

St Martin's Place, London, WC2H 0HE

<https://www.npg.org.uk/whatson/exhibitions/2025/jenny-saville/>

No app Bloomberg Connects acessando a National Portrait Gallery você pode escutar a Saville falando sobre algumas de suas obras selecionadas no tour na exposição

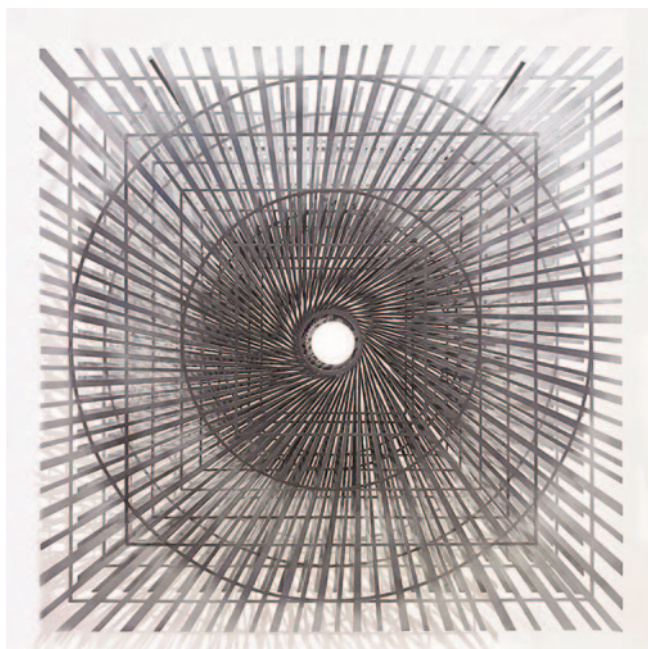


Reverse, 2002-2003

Private Collection courtesy Gagolian © Jenny Saville

**QUATRO NOVAS MOSTRAS
NO CENTRO CULTURAL CORREIOS, RJ**

“O Tempo das Coisas Vivas” – Com curadoria de Shannon Botelho, a mostra apresenta obras dos artistas Ana Miguel, André Vargas, Beatriz Lindenberg, Bruno Romi, Cibelle Arcanjo, Cildo Meireles, Hilal Sami Hilal, Marina Schroeder, PV Dias, Rodrigo Braga, Simone Cosac Naify, Simone Dutra e Yhuri Cruz, e convoca o espectador a desacelerar o olhar e a acolher os sinais do presente como indícios de outros futuros possíveis.



Hilal Sami Hilal, *Deslocamento – Luas com círculo*, 2023
Foto: Divulgação / Galeria Marília Razuk

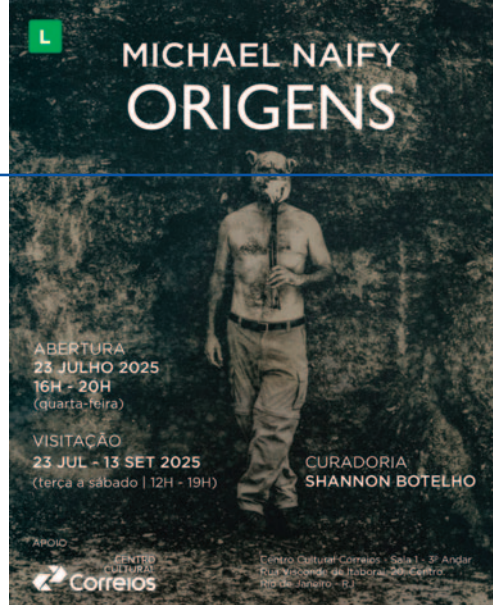
A exposição parte da teoria do filósofo e sociólogo francês Michel Maffesoli que propõe uma crítica à racionalidade moderna e defende a necessidade de uma nova forma de pensar e viver o mundo, baseada em uma ecologia integral, que ele chama de ecosofia - o que está em jogo não é a sucessão dos instantes, mas aquilo que insiste: o que ressoa, o que transforma, o que permanece.

Estruturada em torno dos três ecossistemas formulados por Maffesoli – o natural, o humano e o social –,

a mostra propõe uma abordagem crítica e sensível sobre temas como esgotamentos ambientais, espiritualidade, colonialidade, violências históricas, experimentação e linguagem. As obras habitam simultaneamente esses três campos, atravessando questões urgentes por meio de gestos, materiais e narrativas que convocam à atenção e à escuta.

Renan Marcondes, “Pequenas Mortes” – Com texto de Tiago Sant’anna, a primeira individual do artista paulistano no Rio de Janeiro apresenta obras que transitam entre performance, escultura, desenho e fotografia. Nos trabalhos exibidos, o corpo surge como elemento central – um corpo que investiga seus próprios limites de resistência e põe em xeque as ideias de poder e eficácia frequentemente associadas à performance, dentro e fora do campo da arte. Em um contexto histórico em que performar deixou de ser apenas uma escolha artística para se tornar um imperativo social, os trabalhos de Marcondes adquirem uma materialidade ambígua: ainda que o corpo esteja presente, sua performance permanece em suspensão, sempre sob suspeita. Uma temporalidade estendida atravessa as obras, assim como a insistência em tratar o ato de observar como um gesto ativo, uma forma de participação.





Michael Naify, “Origens” – A exposição marca a primeira individual no Brasil do artista e fotógrafo americano Michael Naify. Reúne uma série de cianotipias produzidas a partir de sua imersão em Minas Gerais, após o rompimento da barragem da Vale, em 2019. A mostra propõe uma reflexão sobre as permanências históricas que atravessam o presente, articulando memória, matéria e paisagem em torno de temas como mineração, escravidão, religiosidade e colonização. Shannon Botelho assina a curadoria.

Juan Casemiro e Gabriel Ribeiro, “Margem e Contingência” – O projeto propõe um diálogo entre as obras dos dois artistas, tendo como eixo a ação do tempo sobre a matéria. Em ambas as práticas, a investigação se dá por meio de estratégias distintas. Juan Casemiro e Gabriel Ribeiro operam num território limítrofe entre o controle intencional da forma e a abertura ao acaso e ao desvio – elementos próprios do encontro intuitivo entre gesto e matéria. A curadoria é de Daniella Avelar.

Até 13 de setembro | Centro Cultural Correios Rio de Janeiro | R. Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro, RJ | Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h | Entrada gratuita

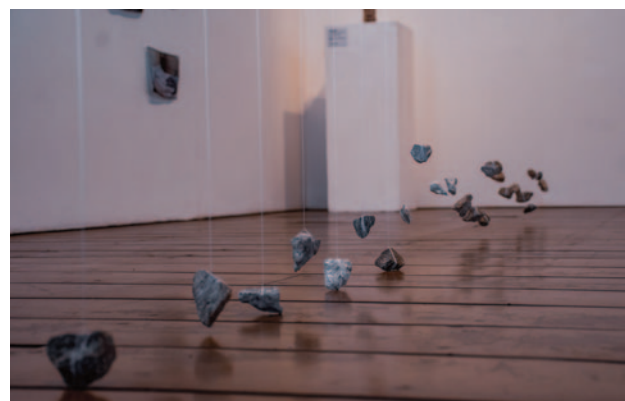
“UM EMARANHADO DE RUÍNAS AO REVÉS”

Mostra no Sesc São João de Meriti, RJ, reúne cinco artistas visuais brasileiros que utilizam como matéria-prima elementos de uso comum e descartados no cotidiano. Como num desejo de conferir sentido aos



fragmentos do mundo, a exposição apresenta trabalhos de Ana Raylander Mártis dos Anjos, Ana Rorras, Loren Minzú, Marcelo Venzon e Rafael Amorim. As obras tridimensionais foram criadas a partir de restos de objetos que perderam sua função original; reconfigurados, com a intervenção poética dos artistas, ganharam novas formas e sentidos. Destacam-se ainda na exposição os trabalhos inéditos de cada um dos artistas participantes, criados especialmente para a ocasião.

Até 12 de outubro | Galeria do Sesc São João de Meriti | Av. Automóvel Clube, 66, Centro, São João de Meriti, RJ | Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 17h | Entrada gratuita



Rafael Amorim, *Kissing a fool*

Foto: Rennie Lopes

RIZZA E IAN SALAMENTE NA ZIPPER GALERIA, SP

Rizza, “Gesto Paramétrico” – Com curadoria de Marc Pottier, a exposição “Gesto Paramétrico” dá continuidade à pesquisa de Rizza sobre a manipulação de fenômenos ópticos, unindo arte, ciência e tecnologia.

As esculturas tridimensionais apresentadas transformam equações e dados numéricos em formas físicas e contínuas. Utilizando algoritmos, a artista desenvolve obras que se comportam como campos de força – entre o físico, o óptico e o matemático – e propõem outra forma de construção escultórica.

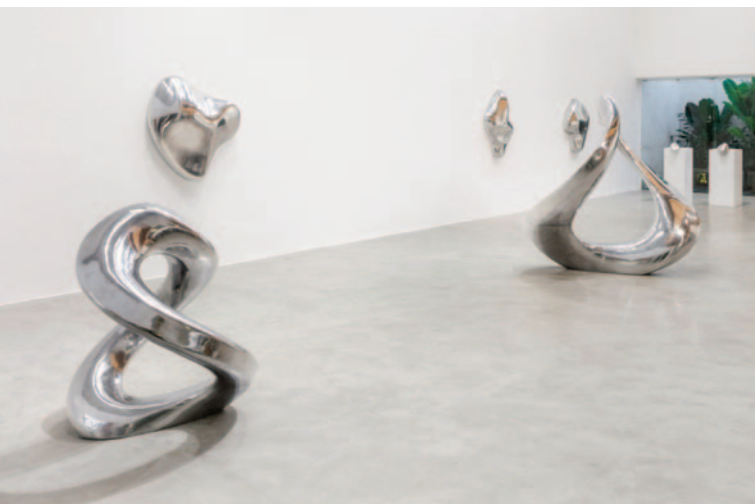


Foto: Divulgação

Ian Salamente, “Fome de cão” – Com curadoria de Rayssa Veríssimo, a mostra marca a estreia individual de Ian Salamente na Zipper. A exposição reúne pinturas que surgem dos atravessamentos do cotidiano urbano, onde figuras como cachorros de rua, muros, bueiros e camisas de futebol se tornam símbolos de resistência e sobrevivência. A partir de suas vivências entre Cabo Frio e o centro do Rio de Janeiro, Ian retrata corpos e paisagens marcados por precariedade e desejo, abordando urgências como afeto, sustento e reconhecimento.

Até 23 de agosto | Zipper Galeria | R. Estados Unidos, 1494, Jardim América, São Paulo, SP | Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h; sábados, das 11h às 17h | Entrada gratuita



Take me to your afago, 2025

Foto: Divulgação

“QUEBRA-MAPA: DIMENSÕES DO RECOMEÇO”, NA OÁ GALERIA, ES

O Museu Vale, em seu momento extramuros, apresenta, na OÁ Galeria, em Vitória (ES), a exposição “Quebra-mapa: Dimensões do Recomeço”. Com entrada gratuita e classificação livre, a mostra reúne sete artistas capixabas (quatro selecionados pelo Edital Convocatória de Programação Museu Vale 2025, e outros três convidados), em uma reflexão sobre território, cartografia e pertencimento. O conjunto de obras selecionadas, sob a curadoria de Isabella Baltazar, desafia fronteiras fixas e propõe novas formas de perceber o mundo. Os trabalhos de Amanda Chabudé, André Magnago, Carla Osório, Marta Monteiro, Romário Batista, Rafael Segatto Barboza da Silva e Thiago Balbino transitam entre escultura, fotografia, pintura e instalação, atravessando temas como ancestralidade, memória, natureza, rituais e mitologias.

Até 16 de agosto | OÁ Galeria | Av. Cezar Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá, Vitória, ES | Agendamento de grupos: (27) 99252-7525 / educativo.mv@institutoculturalvale.org | Dias/Horários: segunda a sexta, das 9h às 19h; sábados, das 9h às 14h | Entrada gratuita



Romário Batista, *Jaguará*

Foto: Divulgação

BIOGLOMERATA E FÔLEGO NA 3ª TEMPORADA DO BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Em *Bioglomerata*, o autor Cristian Duarte ressignifica e adapta o conceito original de *Biomashup*, que estreou em 2014 durante sua residência no Lote, na Casa do Povo. Essa recriação para o Balé da Cidade, cuja estreia ocorreu em 2024, oferece uma nova perspectiva ao repertório da companhia. Na nova versão, o elenco utiliza memórias de danças, gestos e referências para interagir com a música e com um ambiente em constante transformação, ampliando a compreensão dos tempos históricos. Os corpos dos bailarinos funcionam como forças dinâmicas, criando configurações transitórias que envolvem a percepção contínua do público.



Cena da coreografia de Bioglomerata

Foto: Larissa Paz

O, criação de Rafaela Sahyoun, oferece uma experiência relacional que alterna entre proximidade e distância, ressoando, transformando-se, falhando, desintegrando-se e renovando-se. A obra, cuja proposta dramática incentiva a exploração da condição dos indivíduos como sujeitos sociais, configura-se como um processo de contágio, caracterizado por um intercâmbio contínuo de desejos e assimilação. *Folêgo* foi indicada ao Prêmio APCA Dança 2022 na categoria Espetáculo – Estreia.

Bioglomerata e Fôlego | Theatro Municipal de São Paulo – Sala de Espetáculos | Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo, SP | Dias/Horários: dias 14 e 15, às 20h, 16 e 17, às 17h | Ingressos: de R\$ 11 a R\$ 92 | Classificação: livre | Duração aproximada de 110 minutos, com intervalo

CINEMA URBANA – MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUITETURA – 2025

De 13 a 17 de agosto, no Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul, Brasília, acontece a quinta edição do único festival de cinema do país que coloca a arquitetura e as cidades como protagonistas de uma reflexão sobre futuro e sustentabilidade. Sob o tema *Paisagens Radicais*, a 5ª edição do Cinema Urbana debate o papel da arquitetura em tempos de grandes mudanças climáticas. Grande parte dos filmes selecionados é inédita no Brasil e até no circuito mundial. A programação inclui exhibições, oficinas, palestras, lançamentos de livros, sessões infantis e mediações, sempre com entrada franca. A abertura especial será no Cinesystem Caixa do Casa Park, no dia 13 de agosto, às 18h30, com a primeira exibição no Brasil de *“Architecton”*, novo filme do premiado realizador russo Viktor Kossakovsky.

De 13 a 17 de agosto | Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul e Casa Park | Programação completa: <https://www.cinemaurbana.com/> | Dúvidas e informações: cinemaurbana@gmail.com



Poetry of Discarded Matters, Riccardo Dalis, La poesia delle materie

TEATRO A VAREJO NO CENTRO CULTURAL CARIOCA, RJ

O projeto *Teatro a Varejo*, com início em 11 de agosto, oferece cinco espetáculos de curta duração a preços populares, no Centro Cultural Carioca, RJ, durante o horário de almoço. A iniciativa é da mesma equipe do Teatro do Saara, que funcionou há oito anos, com a proposta de receber visitantes e trabalhadores do Centro e formar novos públicos. Com idealização do diretor Fernando Maatz, o *Teatro a Varejo* apresentará cinco encenações de meia hora, em três sessões de segunda a quinta-feira, às 12h15, 13h15 e 14h15, com ingressos a R\$ 5: “*O Homem que Via os Mortos*”; “*O Sequestro no Trem Fantasma*”; “*Dr. Federico, o Hipnótico*”; “*Flor de Carne e Sangue – A Comédia Romântica*”; e “*O Fantástico Cérebro de Dr. Frederico*”. No elenco, estão Dulce Penna, Isis de Dan, Bruno Aragão e Hugo Germano. De 11 de agosto a 15 de novembro | Centro Cultural Carioca (CCC) | Rua Sete de Setembro, 237, Centro, Rio de Janeiro, RJ | Dias/Horários: de segunda a quinta, às 12h15, 13h15 e 14h15. A programação semanal de peças será divulgada todo domingo no Instagram do projeto, [@teatroavarejo](https://www.instagram.com/teatroavarejo) | Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia-entrada) | Duração: 30 minutos cada peça | Classificação indicativa: 14 anos



“ENTRE O AIYÊ E O ORUN”, MOSTRA COLETIVA NA CAIXA CULTURAL RIO

Exposição, que reúne obras de 14 artistas inspirados nas narrativas afro-brasileiras, tem como objetivo colocar em pauta a produção influenciada pela cosmologia africana, num movimento de reconhecimento e valorização. Além da relevância artística dos trabalhos expostos, merece destaque a diversidade de suportes e

de técnicas apresentadas, exaltando a diversidade da produção artística oriunda da Bahia, berço da cultura afro-brasileira.

O eixo conceitual da mostra são os mitos da criação do mundo e da humanidade na visão afro-brasileira. Um dos espaços é dedicado a Exu – entidade mensageira entre os mundos material e imaterial, responsável pela comunicação entre os homens e seus deuses; outro espaço reverencia Oxalá – o grande pai de todos na criação dos homens. Obras de Agnaldo dos Santos (1926-1962), Carybé (1911-1997), Emanuel Araújo (1940-2022), Jayme Figura (1959-2023), Mario Cravo Jr. (1923-2018), Mario Cravo Neto (1947-2009), Mestre Didi (1917-2013), Pierre Verger (1902-1996), Rubem Valentim (1922-1991), Ayrson Heráclito, Caetano Dias, J. Cunha, José Adário e Nadia Taquary compõem a exposição.

De 5 de agosto a 26 de outubro | CAIXA Cultural Rio de Janeiro | R. do Passeio, 38, Centro, Rio de Janeiro, RJ | Abertura com visita guiada pela curadora: 5 de agosto, 17h | No dia 13 de setembro, às 11h, a curadora Thais Darzé acompanhará o público em nova visita mediada. A programação é aberta ao público e não necessita de inscrição prévia | Dias/Horários: terça a sábado, 10h às 20h; domingos e feriados, 11h às 18h | Classificação: Livre | Entrada Franca



Pierre Verger,
Ifé, Nigéria,
déc. 50

Foto:
Pierre Verger
© Fundação
Pierre Verger

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868